

VOGGA

SEMANARIO ILUSTRADO DA MULHER

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS
DA ILUSTRAÇÃO
30, R. da Alegria, 30 — End. teleg.: LIBERTRAN — LISBOA

DIRECTOR TÉCNICO
JOÃO DE SOUSA FONSECA

DIRECTORA
ESTELA SANTOS NOBRE

SECRETÁRIO DA REDACÇÃO: ALVARO MAIA

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DE AILLAUD, LTD.*
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — 25, Rua Anchieta
TELEF. C. 1084, C. 1606



UM LINDO PIJAMA E UMA LINDA MULHER — ELEGANTE MÓDELO EM SETIM AZUL, CRIAÇÃO DA CASA JENNY (PARIS)

ESTE NÚMERO TEM 16 PÁGINAS

Ayuntamiento de Madrid

A REVISTA FEMININA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

VIDA ELEGANTE

FESTAS DE CARIDADE — No Hotel de Itália. — Realiza-se hoje, domingo, de tarde, nas vastas salas do Grande Hotel de Itália, amavelmente cedidas pela actual direcção, um elegante «chá dançante», organizado por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade de Cascais, da qual fazem parte as seguintes: D. Alda Trigo de Almeida Santos, Condessa de Almôster, D. Constança Almeida Santos de Castelo Branco, D. Maria Francisca de Castelo Branco (Pombeiro), D. Maria da Graça de Si-



A sr.^a D. Euridiki Dimitriades e o sr. Raby Duff Burnay, por ocasião do seu casamento, realizado na paroquial igreja de S. Sebastião da Pedreira, no dia 7 do corrente

queira de Castelo Branco, D. Maria José Vilas Boas da Costa e Silva e D. Mariana de Castelo Branco (Pombeiro), cujo produto se destina à Casa de Trabalho da Vila de Cascais.

Pelo interesse que está despertando no meio mundano de Cascais e Estoril, tudo nos leva a crer que a tarde de hoje, no Grande Hotel de Itália, será um elegante ponto de reunião.

Os bilhetes de entrada para o «chá» vendem-se à porta, não havendo convites especiais.

No Porto. — Prosseguem com toda a actividade os ensaios das peças «Ceia dos Cardeais», «Sangre Gorda» e «Verbena de La Paloma» que no fim do corrente mês subirão à scena, desempenhadas por distintos amadores, em recita de caridade, no teatro de S. João, do Porto, organizada por uma comissão presidida pela sr.^a Condessa de Lumbrals, a favor da benemérita instituição «Florinhas do Lar».

EM ABRANTES. — Na noite de sábado, 7, realizou-se em Abrantes a inauguração oficial da sede da Assembleia de Abrantes, o aristocrático club dessa cidade, cuja iniciativa se deve aos incansáveis esforços de um grupo de abrantinos, à frente dos quais se encontravam os srs. dr. Guilherme Moura Neves, Raimundo Soares Mendes, dr. António Correia de Campos, Fernando Falcão Pacheco Mena, dr. Manuel da Fonseca Ribeiro e Sousa, dr. António Oleiro e Francisco Xavier Burquette, que constituíram a primeira direcção.

A sede, com todos os requisitos modernos e uma boa distribuição de salas, põe em evidência os méritos do autor do projecto, o brilhante architecto sr. Raul Lino.

A festa de inauguração constou de uma esplêndida «ceia americana», cuja iniciativa se deve aos incansáveis esforços da direcção que, dentro de alguns dias, termina o seu mandato e da qual fazem parte os srs. dr. Manuel da Fonseca Ribeiro e Sousa, dr. Manuel Fernandes, António Moura Neves, tenente João Duarte Marques, Eduardo Caldeira Soares Mendes, Manuel Serra da Mota e tenente Luís Mena e Silva, servida em pequenas mesas no salão de festas, profusamente iluminado com um artístico lustre e quatro «plafons» aos cantos, e elegantemente dispostas em duas filas pelos lados da vasta sala, fazendo-se ouvir no belo palco uma exímia orquestra «jazz-band», sob a direcção do notável violinista Vieira Pinto, que também se fez ouvir num difícil trecho de música, acompanhado ao piano pelo distinto pianista Del Pino.

Durante o decorrer da «ceia» foram lançadas inúmeras serpentinas, que transformaram, por vezes, a sala em um verdadeiro túnel, tendo também a direcção distribuído grande número de cornetas, cega-regas, vibradores, apitos e outros instrumentos, com que os assistentes acompanhavam o «jazz-band», dando por vezes a impressão de estarmos assistindo a um espectáculo infernal.

A sala tinha também no centro, onde se dançava, uns números pintados a branco, para a tómbola, na qual foram rifadas três artísticas bonecas de trapos, pelos pares, tendo esta sensacional surpresa despertado nos inúmeros pares que dançavam grande interesse.

As bonecas rifadas foram ganhas pelas sr.^{as} D. Maria Clarisse Vieira, «Dama em Pejame»; D. Alice Burquette, «Cossaca», e D. Maria Luísa Albuquerque, «Turca».

A dança prolongou-se até perto das oito horas da manhã, sempre no meio da maior animação e alegria, hora em que começou a retirada dos convidados, entre os quais nos recorda ter visto, entre outras, as srs.^{as}:

Viscondessa do Tramagal, D. Georgina Avelar Machado Soares Mendes, D. Eugénia de Oliveira e filhas, D. Joana Godinho Soares Mendes, D. Sofia Moura Neves e filhas, D. Conceição Pina Manique Santa Bárbara, D. Maria Candida de Abreu, D. Clementina Soares Valejo, D. Amélia Soares Valejo Oliveira e Silva, D. Beatriz Soares Mendes da Fonseca Ribeiro e Sousa, D. Alice Lucena de Vasconcelos, D. Prazeres Fernandes, D. Flora Cunha, D. Heloisa Fereiro, D. Alexandrina Pacheco de Abreu da Costa de Sousa de Macedo, D. Constança Cabral de Melo, D. Maria Emília Pacheco de Abreu Mena e filhas, D. Maria Tereza Valejo Soares Mendes, D. Maria Heloisa Bobela Fereiro, D. Carolina Baitão Oleiro, D. Adelaide de Campos Melo, filha e sobrinha, D. Maria do Céu Falcão Mena e Silva, D. Adelaide Guedes de Campos, D. Miquelina Santos Marques, D. Fernanda Mena e Silva Moura Neves, D. Clemência Dupin Seabra, D. Maria Virgínia Moura Neves Fernandes, D. Maria Mota Oleiro e filha, Madame Farraia, D. Henriqueta Oleiro, Madame Pinto, D. Arminda Zuniga, D. Alice Vicente da Silva, Madame Gualter, D. Maria de Campos

Aguar de Andrade Santos Silva, D. Maria Emília Avelar Machado Veiga da Cunha, D. Elvira e D. Maria Amélia Costa Ribeiro, D. Maria Santa Bárbara Manzoni de Sequeira e D. Maria Palmira Tito de Moraes, e os srs. Raimundo Soares Mendes, Dr. Manuel da Fonseca Ribeiro e Sousa, Dr. Fernando de Vasconcelos, Artur Santa Bárbara, Dr. Artur Fereiro, Eduardo Caldeira Soares Mendes, Dr. José Campos, Dr. Manuel Serra da Mota, Dr. Luís de Moura Neves, Dr. Mário Viegas, João Jorge Falcão Mena e Silva, João Avelar Machado Soares Mendes, Manuel Tito de Moraes e Carlos de Vasconcelos e Sá.

Os ilustres donos da casa foram incansáveis de amabilidade para com os seus convidados, que se retiraram gratíssimos com os deliciosos momentos que lhes proporcionaram.

CASAMENTOS. — Ampliando a notícia que demos no nosso último número, do casamento da sr.^a D. Raquel Rodrigues, gentil filha da sr.^a D. Marieta de Carvalho Rodrigues, e do sr. Comendador Alexandre Herculan Rodrigues, com o sr. Conde de Pombeiro, filho do sr. Marquês de Belas, temos a acrescentar que serviram de madrinhas as sr.^{as} D. Edetrudes da Câmara Rodrigues, avó da noiva e a mãe da noiva, e de padrinhos, os srs. Conde da Foz e Conde de Penálope de Alva, tios do noivo.

O acto foi celebrado em capela armada na residência da avó da noiva, sendo celebrante o prior de S. Lourenço, reverendo Loureiro, que no fim da missa fez uma brilhante alocução, durante a qual a sr.^a D. Laura Wake Marques, se fez ouvir em vários trechos de música sacra, acompanhada a órgão pelo tio da noiva, sr. Armando da Câmara Rodrigues.

Terminada a cerimónia religiosa foi servido no magnífico salão de mesa um esplêndido lunch da «Garrett», seguindo os noivos, depois, no «rápido» de Madrid, para a Quinta de Santo António, em Torres Novas, onde foram passar a lua de mel.

A noiva vestia uma elegantíssima «toilette» em «crêpe satín» branco, com manto de tule «argenté», bordado a prata e pérolas, com véu do mesmo tule, preso com uma artística grinalda de flor de laranja.

Na «corbeille», que se encontrava exposta em uma das salas, via-se grande número de artísticas e valiosas prendas.



Um aspecto do elegante Chá dançante de caridade, realizado na Liga Naval Portuguesa, na tarde de 6 do corrente, organizado por uma comissão de senhoras a favor dos presos indigentes e da pobreza envergonhada

Rosado, D. Maria Campeão de Melo e Castro Esteves de Brito e filha, D. Sofia Bobela Peixoto e sobrinha, Madame Sant'Ana Maia, D. Alice e D. Maria Luísa Nunes Coelho, D. Maria Casimira Mascarenhas Calheiros, D. Maria Leonor Aguiar de Andrade Santos Silva, D. Elvira e D. Maria Amélia Costa Ribeiro, D. Maria Ana Esteves de Brito da Costa Salema, D. Maria e D. Maria Luísa de Albuquerque, D. Maria Amélia Guerreiro, D. Fernanda Campeão Marques Pôrto, D. Virgínia Campeão Carneiro, D. Aurora e D. Clarisse Viegas, D. Maria Emília Avelar Machado Veiga da Cunha, D. Elvira de Sousa da Silveira, D. Celeste da Mota Silveira, D. Maria Palmira Tito de Moraes, D. Maria Helena Viegas de Oliveira, D. Maria Santa Bárbara Manzoni de Sequeira, mesdemoiselles Milhário, Padilla e Gualter, etc., etc.

— No domingo realizou-se na elegante residência da sr.^a D. Beatriz de Atoyde e do sr. João de Atoyde, uma «soirée» íntima, a qual decorreu sempre no meio da maior animação e alegria.

Pela meia noite foi servido, no magnífico salão de mesa, um finíssimo «chá», prolongando-se depois a dança até perto das duas horas da madrugada.

Na assistência recorda-nos ter visto as sr.^{as} Viscondessa do Tramagal, D. Georgina Avelar Machado Soares Mendes, D. Amélia Soares Valejo de Oliveira e Silva, D. Beatriz Mendes da Fonseca Ribeiro e Sousa, D. Alice de Lucena de Vasconcelos, D. Maria Tereza Valejo Soares Mendes, D. Conceição Pina Manique Santa Bárbara, D. Alice Nunes Coelho, D. Aurora e D. Clarisse Viegas, D. Maria Leonor

— Na igreja de S. Sebastião da Pedreira, realizou-se o casamento da sr.^a D. Euridiki Dimitriades, interessante filha da sr.^a D. Elena Dimitriades, já falecida, e do sr. Paul Dimitriades, com o sr. Raby Duff Burnay, filho da sr.^a D. Maria Virgínia Duff Burnay e do sr. Frederico José Burnay, já falecido, tendo servido de madrinhas as sr.^{as} D. Virgínia Duff Burnay Vieira Pinto e D. Elena Maria Gandon Burnay, irmã e cunhada do noivo, e de padrinhos, os srs. Emílio Burnay e Frederico Duff Burnay, tio e irmão do noivo.

Findo o acto religioso, que foi celebrado pelo reverendo Vital Cordeiro, que no fim da missa fez uma brilhante alocução, foi servido na elegante residência da mãe do noivo, um finíssimo lunch, seguindo os noivos depois para o «chale» em Parede, da irmã do noivo, sr.^a D. Virgínia Duff Burnay Vieira Pinto, onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande número de valiosas e artísticas prendas.

— Realizou-se na Basílica da Estrêla, sendo celebrante o reverendo prior sr. Gonçalo Noqueira, o casamento da sr.^a D. Isabel Correia de Sá Lucena, gentil filha da sr.^a D. Mariana de Almeida Correia de Sá Lucena, já falecida, e do sr. dr. Manuel de Sá Lucena, com o sr. Carlos Pizarro Côrte Real, filho da sr.^a D. Beatriz Pizarro Côrte Real e do sr. Carlos Leme Côrte Real, servindo de madrinhas as tias da noiva, sr.^{as} Marquesa de Lavradio e D. Margarida de Lucena de Sampaio, e de padrinhos, os srs. Manuel Cardoso Côrte Real e dr. José Beza, irmão e primo do noivo.

Terminado o acto religioso foi servido, na ele-

gante residência do pai da noiva, um finíssimo lunch, vendo-se na «corbeille» grande número de valiosas e artísticas prendas.

— Na Capela da Fortaleza de Santa Catarina, na Praia da Rocha, realizou-se, com grande brilhantismo, o casamento da sr.^a D. Maria Luísa Vieira Marques Ferreira, interessante filha da sr.^a D. Angélica Negrão Vieira Marques Ferreira e do sr. José António Marques Ferreira, com o sr. José Valadares Mascarenhas Pacheco, filho da sr.^a D. Júlia Valadares Mascarenhas Pacheco, tendo servido de madrinhas as mães dos noivos, e de padrinhos, o pai da noiva e o sr. dr. António Teixeira, cunhado do noivo.

Terminada a cerimónia religiosa, foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um magnífico lunch, vendo-se na «corbeille» grande número de artísticas e valiosas prendas.



A sr.^a D. Helia da Veiga Malta e o tenente de infantaria sr. José Maria Emauz Leite Ribeiro, por ocasião do seu casamento realizado na paroquial igreja de S. Sebastião da Pedreira, no dia 7 do corrente

— Realizou-se na paroquial igreja de S. Sebastião da Pedreira, sendo celebrante o reverendo prior da freguesia, que no fim da missa fez uma brilhante alocução, o casamento da sr.^a D. Ofélia da Veiga Malta, gentil filha da sr.^a D. Verdiana Rosa Veiga Malta e do sr. Francisco de Brito Malta, com o distinto tenente de infantaria sr. José Maria Emauz Leite Ribeiro, tendo servido de madrinha a mãe da noiva, e de padrinhos, o pai da noiva e os srs. dr. João Pedro Emauz Leite Ribeiro, irmão do noivo, e Henrique Monteiro de Mendonça.

Finda a cerimónia religiosa foi servido, na elegante residência dos pais da noiva, à Avenida Fontes Pereira de Melo, um finíssimo lunch, seguindo os noivos depois para o norte, onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande número de valiosas e artísticas prendas.

NASCIMENTOS. — Teve o seu bom sucesso a sr.^a D. Aida Joaquina Martins Rato, esposa do sr. Henrique Martins Rato.

Mãe e filho estão, felizmente, bem.



A sr.^a D. Raquel Rodrigues e o sr. Conde de Pombeiro, por ocasião do seu casamento realizado em capela armada na residência da avó da noiva, sr.^a D. Edetrudes da Câmara Rodrigues, na Avenida da Liberdade, no dia 7 do corrente

LIÇÕES DE CANTO

POR M.^{ME} LEITE DINIZ

Especializada na preparação e impoção da voz

Discipula em Milão da celebre Galetti e do notável professor Cesare Rossi

Lição em curso e particulares em sua casa e em casa dos discípulos

Dão-se todas as informações na

RUA SAMPAIO PINA, HIA, 3.^o D.
(Parque Eduardo VII)
e na redacção da «VOGA»

O NOSSO
FRISO DE MODAS

Os nossos modelos de hoje, modelos de fácil execução, são tão simples como lindos e práticos. Não só os vestidos luxuosos, com muitas peles e feitos estranhos, nos são úteis. Os vestidos em lã, elegantes e diretos, que se podem utilizar sob os casacos de abafa ou mesmo para passeios, também são um complemento indispensável no guarda-vestidos da mulher elegante e prática. Principalmente para raparigas novas, estes vestidos tem o encanto da sobriedade que tanto realça a beleza e mocidade.

Estamos convencidos, portanto, de que muitas das nossas juvenis leitoras percorrerão este friso com a alegria dum desejo satisfeito.

A Voga, que é de todos e para todos, não só dá às suas gentis leitoras modelos luxuosos e caros, como também modelos que possam ser copiados com facilidade, reunindo assim num mesmo amplexo, o desejo de ser útil a todas as suas leitoras.

Temos, por exemplo, o vestido que tem neste friso o numero 1 e que com facilidade se pode adequar a um simples arranjo, tornando elegante e moderno um vestido que já tivesse passado de moda. As aplicações cortadas em arcos que ornamentam o vestido, parte da saia e do corpo, e as mangas, dão-lhe a linha esguia e direita, que todas as senhoras adoram, porque ela torna-as sempre magras e esbeltas.

Os pespontos e a fita que enfeitam o decote podem ser duma cor diferente do vestido, mas nunca uma cor muito garrida. A harmonia do traje é sempre a combinação feliz das cores. A flor que remata a fita do decote é que deve ser duma cor forte e linda, realçando pelo contraste a elegância do conjunto.

O numero 2 é um vestido de casaco direito e curto, como a moda decretou; a saia tem pregas largas e soltas apenas dum lado. É um dos «ensembles» mais completos e distintos que as leitoras de certo poderiam idealizar.

As nervuras estão muito em voga. Com elas tem os grandes costureiros parisienses obtido bizarros desenhos, chegando a decorar vestidos completos com estas pequeninas pregas.

O vestido numero 3, duma cor única, tem apenas a enfeitá-lo as pequeninas nervuras que lhe rodeiam o corpo, terminando ao lado esquerdo da saia em pregas largas e abertas, dando amplitude à saia e conservando-lhe a mesma silhueta moderna. Uma fivela de fantasia fecha o cinto estreito.

Na época presente, em que os bailes e chás elegantes se sucedem com frequência, todas as leitoras encontram sempre com prazer novos conselhos e ideias para os vestidos de noite.

O modelo numero 4 é um elegante vestido em Georgette, com aplicação de veludo rodeadas de strass. Filas de strass, rectas e curvas, enfeitam toda a saia e cintura deste modelo, que muitas das nossas leitoras aproveitarão com agrado, pois o aspecto geral deste vestido é encantador. Para harmonia completa deste modelo devem fazer-se as aplicações em veludo de seda no tom do vestido, um pouco mais vivo.

O modelo numero 5 é também um vestido agradável, podendo empregar-se num arranjo feito em dois tons. A saia duma cor única e a «blouse» com pespontos da cor da saia, contornando as nervuras que lhe enfeitam a parte da frente. As aligeiras e a parte de baixo das mangas, também são enfeitadas com os mesmos pespontos. Este vestido também pode ser feito numa só cor com os pespontos no mesmo tom ou noutro bem combinado que deixamos ao bom gosto das nossas leitoras.

A última palavra da moda são os «godets», mas como os modelos deste género são hoje os mais vulgares e nem todas as senhoras lhes são afeiçoadas, escolhemos este friso evitando os «godets». Na próxima semana, para satisfazer todas as outras leitoras para quem este friso possa não ter encantos, daremos então modelos em que os «godets» e «drapées» sejam em absoluto o motivo principal.

(Veja modelos a página 13)

ATENÇÃO

ESTÁ INICIADO o curso de Desenho por correspondência mas pode ainda inscrever-se pois começará pelas primeiras noções.

CURSO DE
DESENHO
POR CORRESPONDÊNCIA

AO LUAR EM SURDINA...

CRÓNICA DA SEMANA

JANEIRO... mês dos gatos, da grande coral dos lulentos miáus, entoada em todos os tons pela formidável clan dos simpatiquíssimos bichanos!... Como querem os senhores que eu não fale deste mês fatídico e das suas mais ilustres vítimas se este prédio em que moro até parece mesmo o Palace Hotel dos personagens de Perrault e La Fontaine?... A vizinha do rés-do-chão direito — solteirona com exercício de casada, — tem em casa vinte e um gatorros e sustenta, além disso, quanto vadiola só de se apresentar; a do lado esquerdo tem três; nos primeiros andares há dois; no segundo ha cin-

com as suas caras metades, usam os representantes caseiros dos grandes felinos!... Se as leitoras, — cheio o peito de suspiros por via do namorado cadete que se faz demorar, ou do rico maridinho que foi ao cinema aprender como se faz amor e poesia! — se põem neste mês de frio e de luar observando o que se passa, enquanto o infiel não chega tresnoitado, logo notarão como quatro ou cinco bichanos, fraternalmente reunidos para roer em sociedade por cotas uma ardida de cabeça de pescada, se separam irredutivelmente desde que, no limiar de qualquer escada, surja uma Julieta malteza, sedenta de carícias e



co, eu tenho três e nas águas furtadas há quatro!... Quantos, ao todo, leitora amiga? Vejamos: vinte e um e três, vinte e quatro; e dois, vinte e cinco; e três vinte e oito; e quatro, trinta e dois!... Se a estes, que são efectivos, juntarmos os supras, alimentados a sopas de carapau e postas de corvina pela gordalhufa senhora do rés-do-chão, teremos um total aproximado de quarenta bichanos...

É muito gato, concordem, para um prédio só!

lançando aos quatro ventos gorgeados rondós da Travata!... Há unidade que ferve; há menino que fica sem as orelhas e sem pedaços de pele; desgraçado que, para todo o inverno, ficará totalmente desazado, sem préstimo, chorando a sua derrota, pobre D. Juan que por via da sua Ignês de pélo ficou com a fatiota em tiras e a focinheira escalavrada!

...Há por aí um marido que valha um gato, senhoras minhas que me lèdes e minhas excelentes amigas?

Mas, se as leitoras tem um gato, desiludidas já da constância dos maridos, não-de verificar que nunca animal algum — incluindo mesmo aquele que às vezes nos leva ao Registo Civil! — possui o amor vulcânico, os rapapés chorosos, as blandícias, os extremos de carinho que, para

Meu marido, quando não vai aos toiros, ou me diz que não me pode levar ao Coliseu a ver os tigres e leões porque esses espectáculos me excitam os nervos — o que é uma excelente maneira felix-pereira de me chamar animal, vamos lá! — alega sempre um cinema, uma par-

ROSTOS DE NEVE?
ROSTOS BRONZEADOS?

A mulher bronzeada, queimada pelo sol de Ostende, de Biarritz e de Deauville, deixou de estar em moda. Adens rostos tismados, colos avermelhados, nucas doiradas — já no ocaso.

Averiguou-se, agora, que essa cor egípcia, que parecia pretender caminhar para o tom dos numidas, era inconveniente em Paris, resultando feia à luz potente dos focos eléctricos dos *dancings*, dos teatros e dos *restaurants* da moda.

De facto, a cor bronzeada, inventou-se para não desolar as mulheres que, nas grandes praias cosmopolitas, devido aos banhos do sol, tismavam o corpo. E logo, com maquiavelismo, aquelas que, por motivo de ordem vária, não podiam fazer a *season* dos banhos, aplaudiram a moda e foram tornar-se morenas aos pontos onde o sol era patente e saía mais barato.

Imagine-se o furor de que neste momento estão apossadas as que, confiando na moda, queimaram o rosto, e não podem agora, rapidamente, fazê-lo regressar à brancura primitiva e mate.

É possível até que esse furor, empalidecendo-as, lhes realize o milagre de as tornar, não mulheres brancas, mas, pelo menos, — ex-mulheres de bronze.

tida de xadrês, ou uma reunião política. Fico, já se vê, como uma bicha — que é como quem diz: uma gata à qual o gato se prepara para fazer grossa partida!... Von, pois, para a janela, que é o lugar de distração das grandes sonhadoras e desiludidas!... É o que eu dali vejo, santo Deus!... Hoje, por exemplo, é aquilo que as leitoras estão vendo pelo desenho que junto vai e o qual me entretive esquisitando com grandes suspiros e fundos pezares de alma! Grande assembleia, assembleia magna! Quantos Ruminaratos há pela vizinhança ali se deram lugar de reunião. O frio corta; o luar é um gelado rio de prata e os míseros Tarecos tremem em todos os pelos; há desventurado enlouquecido de amor que nem sabe como demónio obrigar a dentuça a deserrar-se para lançar, ao ar livre da grande poesia, as endeiças doloridas com que vencerá por certo naquele grande outeiro, — digno doutros tempos de mais virtude e mais amor!

Mas, digam-me as leitoras, se estão olhando o desenho, — quais as Côrtes de Amor, qual a Alienor de Bretagne, que jámais provocaram tamanha reunião de mestres cantores e de poetas!

Confesso, em boa verdade, desiludida leitora, *minha semelhante e minha irmã*, que os nossos namorados em tempos e os míseros maridos de hoje é que deveriam andar pelos telhados a comer os restos da cozinha e a roer connosco de sociedade uma excelente e podre cabeça de pescada! Eles por serem inconstantes; nós por sermos ingénuas e julgarmos preferível a companhia do sexo forte e feio à constância comprovada de qualquer Carochão... Antes de nos acreditarmos rainhas da Criação, deveríamos pedir a Deus que nos transformasse numa simples bichana! Ai o que eu teria lucrado por minha parte, ai o que eu teria lucrado, amiga leitora!

Porque o gato acaba sempre por voltar para junto da sua Julieta, após luta brava e grandes prós de amor!...

...Mas o meu marido é que não há maneira de regressar do cinema, ou lá que demónio é!...

ROSA TIRANA.



ALUA: ONDE VAIS TU SATURNO?
SATURNO: VOU EMPENHAR O MEU ANEL PARA COMPRAR O
MAGAZINE BERTRAND

"CHARLOT E A SUA CARA METADE"

VOGA, cujo único fito é proporcionar aos seus milhares de leitoras, a par dos mais recentes e requintados modelos vindos do estrangeiro e das grandes casas portuguesas, uma leitura cheia de amenidade, graça e beleza, começará no seu próximo número a publicar as memórias da esposa de Charlott, o universalmente conhecido actor de cinema, alegria de crianças e de velhos... Conhecido é de todos o processo que a esposa do célebre cómico tentou contra o marido e processo esse que terminou pelo divórcio dos dois malavindos conjuges... A verdade, porém, é que o relato da vida conjugal de Madame Charlott é totalmente inédito entre nós e serão as suas páginas íntimas, cheias de interesse e curiosíssimas pelo seu entrecho que

"VOGA"

publicará dentro de breves dias.
Leiam todos

"CHARLOT E A SUA CARA METADE"

MALAS E
CARTEIRAS
ALTA NOVIDADE

Bastos Silva, Lt.^a Rua S. Nicolau, 81
Paris - Chiado Rua Garrett, 64

TAPETES DE BEIRIS

SÃO OS PREFERIDOS PELAS PESSOAS DE BOM GOSTO

DEPOSITO
RUA IVENS, 30

AS CALÇAS E A MODA



As mulheres chegarão um dia, um dia que não seja demasiado longínquo, a usar calças, — calças masculinas?

Esta pergunta pode, com facilidade, encontrar apaixonadas respostas, mas haveria entre todas, uma, apenas uma, que fôsse satisfatória, sensata e definitiva?

Se interrogássemos as mulheres correríamos o risco de escutar opiniões cuja sinceridade careceria de fiador ou de esbarrar com silêncios tão enigmáticos como o sorriso da Gioconda.

Antigamente, as mulheres preferiam falar a agir: eram mais Mirabeau do que pessoas de acção: hoje cada vez menos admiram a abominável retórica, tão bela e florescente na Hellada.

Os homens tão pouco nos esclareceriam: uns, a maioria, a esmagadora maioria, ripostariam com evidente mau humor, recusando-se até, com fanático ímpeto, a admitir uma pergunta tão inconsiderada e absurda; e os outros, minoria ínfima, volveriam, afectando modernismos de vanguarda, que estranhavam que há muito as vanguardas, estranhar que há muito as mulheres não usassem as calças — dos homens!

Há tempos, quando a tentativa da saia-calção surgiu, grande emoção e grande indignação varreram o planeta. E, pela primeira vez, Eva diante da cólera de Adão, mordeu os lábios com

furor, chorou desolada — e capitulou. Durante anos, teve de assistir, resignada e vencida, à troca impiedosa que sua inesperada audácia originou.

Afinal, há muito que as turcas usavam sem prazer e com recato — o recato dos harems — e de rosto velado, as calças, as calças que indignaram na Europa central e ocidental a metade feia e forte do género humano. E — paradoxo dos paradoxos! — as pobres turcas de incognita ou, melhor, de velada beleza, de boa vontade despiriam as calças trocando-as pelas saias!



O que no centro do velho continente era considerado um sinal de emancipação, era tido, em pleno Oriente, como um símbolo de secular inferioridade. A primeira modificação que se operava na turca quando se evadia do harem não era na alma. Essa, de há muito, se tinha ocidentalizado com a leitura das novelas de Paul Bourget e com a execução, nos melancólicos pianos de Stambul, das valsas de Strauss e de Franz Lehar. A turca, prisioneira perpétua dum senhor de dezenas de turcas, ao evadir-se, ao libertar-se, mudava a indumentária, envergava saias. Saias de antes da guerra. Hoje, a foragida, a revoltada, de Constantinopla, córaria ao vestir as saias, por estas lhe porem ao capricho ávido dos olhos dos que não seguem as leis do Alcorão, aquilo que as calças lhe ocultavam: — as pernas.

O Extremo-Oriente também contribui para perturbar a indumentária feminina da Europa, porque a Eva, de olhos de Nanquim, de olhos rasgados em amêndoa, a Eva amarela, cor de oiro, chinesa e nipónica — como a turca usa calças!

O perigo da invasão amarela pode, pois, resumir-se na invasão das calças e na conseqüente abolição das saias. E esse perigo avoluma-se dia a dia: perigo tanto mais grave quanto maior se afixa em sua infiltrante subtilidade.

As calças estão substituindo as saias, exactamente nas circunstâncias em que estas não são, em rigor, indispensáveis. O *pyjama* de quarto dá às mulheres — calças! Inconsciente ou perversa, a moda do *pyjama* constitui um modo de propaganda terrivelmente discreto e eloqüente. Eva, dentro dalguns anos, poderá argumentar, capciosa e inteligente, que se, porventura,

na intimidade agradam as calças, porque razão, em plena rua, só não desagradam as saias! Eva, dirá com argumentação, ainda mais capciosa e inteligente, que se é ridículo para as mulheres usar calças, não deixa de ser grotesco para os homens vestir saias.

E ainda que se atirassem para o lado, os homens de saias da Hungria, dada sua campônia e inferior condição, ficariam como esmagador exemplo os escoceses. Mas — obter-se-ia — os escoceses não usam saias, teem saíotes. Frágil objecção! Haverá saíote escocês mais curto do que a mais comprida saia de mulher?

Quem vencerá? Quem vencerá? As saias ou as calças? Um destes fundamentais atavios desaparecerá na luta — porque se está já em plena luta, violenta e incruenta, a pesar da subtilidade bem feminina que a caracteriza.

As mulheres que patinam sobre o gelo, mesmo no elegante *Bois de Boulogne*, optaram pelas calças. As desportivas, usam-nas pela altura das saias — acima do joelho. E as aviadoras, nos seus grandes rasgos, nas suas audaciosas e transatlânticas travessias com Ruth Elder à frente, trajaram-nas. E se, por trágico acaso, Ruth Elder tem ficado na morada imensa e glauca do Oceano, a humanidade teria de chorar a perda duma mulher que morrera, com heroísmo — e de calças!

Um vaticínio consolador para os que combatem a desapareição das saias: se um dia as mulheres optarem pelas calças, elas não serão masculinas — serão, com todo o prestígio, com toda a fantasia, com todo o requinte — calças femininas!

Está averiguado, que as mulheres, pelo me-



lher se possa confundir com um homem, e um homem com uma mulher?

Quem responde a estas objecções?

Quem se preocupa com elas? Ninguém.

Há um sexo que estacionou — o masculino. E outro que evoluciona — o feminino. O primeiro, assiste, de braços cruzados, como espectador, indiferente e distraído, a todas as transformações, às verdadeiras revoluções que o segundo vai realizando.

Essa indiferença, essa distracção do sexo masculino, não significam, quanto a nós, transigência ou concordância. Indica confiança. Confiança de que, a pesar de tudo, a mulher, não deixará de ser a mulher. Favorável, contrário ou indiferente ao presente, o homem não tem sobre o futuro da mais bela metade do género humano, a menor sombra de dúvida. É que ele sabe, através duma milenária experiência, que o eterno feminino não se atenua, não abdica, não se anula — e não morre.

Mas estará, o eterno feminino, mau grado tanta indiferença e tanta confiança, ameaçado pela presumível substituição das saias pelas calças — masculinas? Morrerá ele, com a morte das saias? Salvar-se há ele com a salvação provável das saias?

O homem, o mais civilizado, o mais requintado, sorri vagamente e murmura, baixinho, quasi com fé e o fatalismo dum árabe, servindo-se até da sua fórmula predilecta:

— «Allah é grande e Mahomet o seu profeta».

CRISTIANO LIMA.



nos, só usam calças quando as saias se tornam impraticáveis. Isto prova que as mulheres são as primeiras a concordarem que a estética nada tem a lucrar que a indumentária masculina se confunda com a feminina. E a moda do *smoking* lançada, há alguns anos, na América, com a desculpa de que a vida moderna não permite excessivos cuidados com a *toilette*, não encontrou grandes entusiasmos, nem sequer grande ambiente favorável.

É certo que uma mulher não possa ser um homem, desde que troque pelos masculinos os adornos do seu sexo.

Mas, a confusão na indumentária não implicará a catástrofe duma confusão de sexos? Haverá, porventura, vantagem em que uma mu-





As jóias de fantasia reinam este ano com um absolutismo estonteante. A fantasia empenhou-se em fazer de todos os pequenos objectos que são as jóias, adornos imprescindíveis para todas as senhoras, assim como das aplicações tanto para vestidos como para chapéus, cheios de fulgurantes pedrarias de uma riqueza de brilho admirável.

As pedrarias e as perolas policromas estão profusamente aproveitados em fantasias lindas cheias de graça e finura e ao alcance de todas as pessoas de mais ou menos dinheiro.

As jóias foram sempre o deslumbramento de todas as mulheres.

Quando elas só podiam ser obtidas por meio de quantias fabulosas havia quem, para não prescindir delas, as usasse falsas não sem uma certa pena e mesmo a medo.

Hoje as jóias falsas são unanimemente usadas. Elas necessitam arte, muita arte mesmo, na sua escolha.

Só pela sua finura e harmonia as jóias hoje vencem. A sua confecção foi entregue a artistas consumados.

A nossa página é um esplêndido mostruário de jóias onde a fantasia se esforçou por lhes entregar as tonalidades, mais suaves e lindas, e o conjunto mais bizarro e elegante em todas elas.

Aplicações variadas, brincos, braceletes colares e «pendantifs» tudo o que se ostenta em irisações espantosas de cores, em reverberos intensos de luzes matisadas.

Não têm as jóias de hoje a intenção de enganar, de mentir. Com as suas fantasias mais ou menos perfeitas, elas são lindas e elegantes acessórios de «toilette», que dão ao mais simples e discreto vestido um brilho intenso, uma nota de modernismo.

AS MODAS EM VOGA

AS JOIAS FALSAS
COMO ADORNO
... FEMININO ...

TRES ELEGANTES
MODELOS
... DE CHAPEUS ...

Nesta página temos duas lindas aplicações para chapéu.

Uma, a do lado direito, é em madreperola e esmalte preto que fazem uma combinação encantadora, a outra em madeira e

As fivelas para cinto também se tornaram preciosas. São elas feitas em perolas de vidro brancas e pretas alternadas, ou em galatite e pedrarias.

Os «motivos» que prendem os «drapées»,

Também as malas, sapatos e sombrinhas entraram no domínio da fantasia enfeitadas com pedrarias e perolas.

Por último temos os deslumbrantes brincos que estão à esquerda, brincos esses feitos em «jais». São uns enormes e encantadores brincos que merecem destacar-se de todos os outros pelo seu gosto «raffiné» muito parisiense.

Temos por último três elegantes chapéus modelo da Voga.

O primeiro é um ligeiro chapéu de «sport» em feltro «gris» claro, com fitas em azul forte formando o motivo decorativo.

É um chapéu ligeiro mas bem gracioso e alegre.

Um pequeno chapéu em veludo negro, formando largas pregas em volta da copa que descaiem em lado direito, num lindo efeito obtido com o próprio veludo.

Uma aplicação de «strass» segurando este motivo e um pequenino véu, que sombreia os olhos e lhes embeleza a expressão, completam este modelo «chic» e de bom gosto.

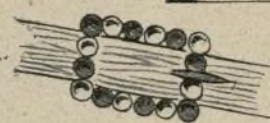
Os chapéus grandes voltaram de novo. Serão estes menos práticos mas em raparigas novas são de uma graça extrema.

O nosso modelo, de um recorte bizarro e original fica muito interessante feito todo em veludo e as aplicações em bicos que lhe enfeitam a aba, que é elegantemente levantada à frente, deve ser em seda do mesmo tom.

Pode-se fazer este modelo em dois tons mas muito semelhantes.

Até para a semana.

MADEMOISELLE X.



metal é um motivo de uma grande originalidade.

Em brincos é que se tem feito modelos de uma arte e bom gosto que ultrapassam toda a expectativa.

Com perolas, vidrilhos, «strass», madreperola, jade, etc. fazem-se os modelos de brincos mais bizarros e originais.

Quatro modelos se vêem na nossa página todos eles cheios de graça, de encanto e de beleza.

Os primeiros, feitos em perolas gris sobrepostas e em tamanhos graduados de maiores a mais pequenas, são dum efeito muito interessante.

Dois dos nossos outros modelos são mais discretos e pequenos, sem por isso perder o seu valor artístico, a sua beleza clara e preciosa.

Feitos em vidrilhos e pedras de cores bem combinadas entre si, são sempre jóias que agradam às pessoas mais exigentes e requintadas.

em imitação de ouro palido e turquezas, ou em ouro e diamantes, pura fantasia apenas, fazem realçar a graça do vestido por mais sóbrio e simples que seja.

Os colares em imitação de ouro, finamente trabalhados, embelezam a pele e atraem o olhar para as suas scintilações oirescentes, fulgurantes.

As gargantilhas em perolas com cinco ordens sobrepostas e atravessadas por uma grande «barrette» em pedras de luminosidades fortes, é uma jóia de sensação e graça que dá ao rosto uma beleza suave e expressiva.

Um costureiro em Paris também lançou uns grandes «pendantifs» feitos por uma única pedra, enorme, na cor do vestido.

Os braceletes também feitos em imitação de ouro parecem um largo «gros grain» dourado. Têm um importante emprêgo para completar as lindas «toilettes» de baile decotadas e sem mangas.



Todas as grandes casas de costura, de chapéus, de perfumes, de peles, de artigos chics de

PARIS, abrem hoje novas instalações nos Campos Eliseos. E' no coração desse bairro da Europa que está um

HOTEL PORTUGUÊS, cujo conforto, honestidade, preços modicos

o recomendam melhor que todo o réclame.

É o HOTEL DE DELFT — 30, Rue Montaigne — Hotel para familias e senhoras que viajem sós. — Peçam prospectos.

RENDAS, BORDADOS E MALHAS



Bastam uma estreita renda e algumas rosetas para com estes tão simples elementos, de tão recreativa execução, se confeccionar algumas das pequeninas e leves peças femininas, ou



napperons, que alindam e enchem de conforto o lar.

Eis, pois, leitoras amigas, com que entreter os longos serões de inverno quando a chuva fustiga os vidros gotejantes num som monocórdico e grave.

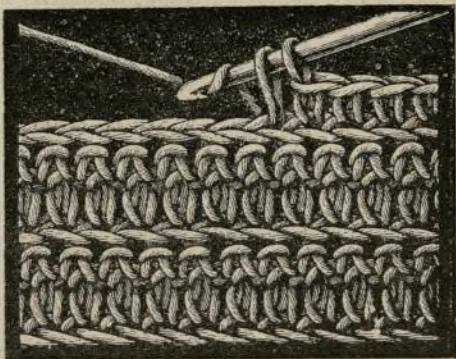
Os bordados de Assis que hoje publicamos são bordados ainda pouco conhecidos no nosso país, mas que pela sua originalidade de conjunto e estilização merecem ser postos em primeiro lugar nos bordados feitos em ponto de cruz.

Assis é o lugar onde nasceu e onde se sepultou Francisco Bernardone ou S. Francisco de Assis, o santo mais artista de todos os santos, o irmão do sol, da água e do lobo.

Bordados de Assis são os bordados executados pelas filhas daquele país e dado o seu carácter particular tornaram-se uma indústria local.

Começaram estes bordados por simples cópias de animais diversos, sem arte nem beleza de composição. Mais tarde, quando se tornaram conhecidos e apreciados, procurou-se novos modelos e chegou-se a um requinte de conjunto, lindo e por vezes bastante exótico.

Hoje, que os modelos destes bordados já são conhecidos e executados com carinho, entre outros países, na França por exemplo, que os prefere entre outros, *Voga* apresenta às suas leitoras um gracioso canto com pequeninos pássaros.



São estes bordados feitos em ponto de cruz e alinhavos.

O fundo é cheio a ponto de cruz, na cor que se desejar, condizendo, é claro, com o tom geral do «appartement» onde se quiser pôr este bordado. O desenho é apenas contornado a pequenos alinhavos, ficando os pássaros e os motivos decorativos recortados na própria fazenda.

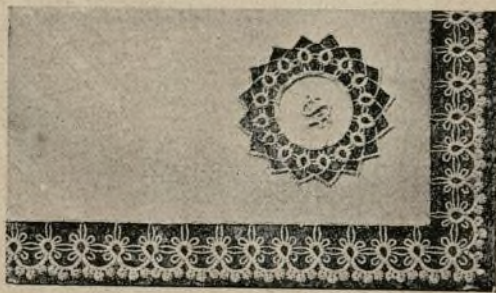


Para enfeitar um quarto de criança, em *slores*, colchas, almofadas, etc., são estes bordados absolutamente adequados, alegrando imenso o quarto com os animais e as cores lindas em que podem ser executados.

O canto que a nossa gravura representa pode ser aplicado a uma colcha clara, amarelinha, por exemplo, bordada a azul forte. O mesmo motivo sem canto, apenas o entremeio, pode ser aplicado em barras dispostas com harmonia por toda a colcha.

Fica um conjunto muito gracioso e que agradará em absoluto, tanto às senhoras para enfeitar a cama do seu filhinho, como propriamente à criança, distraíndo-a.

A nossa gravura é reduzida; o tamanho natural fica à escolha, pois é conforme a dimensão em que se fizer o ponto de cruz, tendo que



ficar depois todo o desenho proporcionado. A quantidade de pontos conta-se com facilidade na gravura.

BERENICE.

MALHAS

Os vestidos e casacos de malha para as crianças são o que há de mais útil e prático. Aliando ao confortável a fantasia mais interessante e linda, fantasia tanto na malha como na combinação de tons, conseguem-se verdadeiras obras de bom gosto com estes pequeninos e graciosos vestidinhos.

Todas as mães farão com interesse um destes vestidos ou casacos, presidindo à sua confecção com o ardor e entusiasmo de sair das suas mãos habilidosas e ágeis a pequenina peça que irá agasalhar e alindar os seus pequeninos.

O gracioso modelo que apresentamos é tão original de feição como a malha em que é executado. O *picot* que o enfeita realça a beleza de conjunto, alindando-o.

A malha, (ponto de ananaz) é muito original e quente e o seu conjunto é mais uma das encantadoras criações nos já tão variados modelos deste género.

Começa-se o vestido pela parte de baixo da saia em ponto russo, que é o da nossa gravura n.º 1. É este ponto o mais vulgar e conhecido não sendo, portanto, preciso descrevê-lo, dada também a nitidez da gravura. Em se fazendo a altura da saia, na proporção que o nosso modelo mostra, começa-se a fazer o corpo com a malha «ponto de ananaz», que se faz da seguinte maneira:

Na volta seguinte daquela que termina o comprimento da saia, fazem-se três malhas com o mesmo ponto, apanhando apenas o fio de traz; e na quarta malha, vindo meter-se a agulha na volta abaixo, tiram-se cinco malhas no mesmo ponto, dando uma laçada após cada malha. Fazem-se de novo três pontos simples e volta-se a fazer o «ponto de ananaz». Na volta seguinte faz-se apenas o ponto simples, apanhando sempre o fio de traz. Na outra volta a repetir-se o



«ponto de ananaz», executado sempre avançando uma malha para o desenho ficar com as linhas oblíquas como a gravura mostra.

O *picot* não necessita de explicação; é tão fácil e a gravura mostra-o tão bem, que se faz com muita facilidade.

O vestido é feito todo numa peça, continuando-se a parte da frente pelos ombros para a parte de traz, fazem-se as mangas separadas do vestido também com a mesma malha do corpo.

O *picot* prega-se na saia em minúsculas barrihas intervaladas, que são tantas quantas a altura da saia necessitar e o intervalo que se quiser dar-lhe.



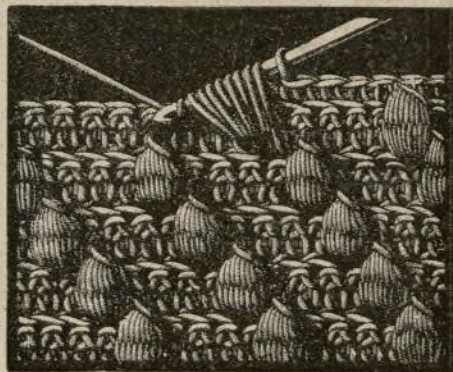
No casaco faz-se primeiro a parte de traz e, separados, os quartos da frente. A malha é a mesma do vestido.

Como a parte de baixo também leva os folhos,



é feita, é claro, no ponto simples. A gola também leva os folhos, sendo portanto feita com o dito ponto. A parte de baixo da manga leva também os folhos.

Os nossos modelos são tão interessantes e originais que tentarão, certamente, as nossas queridas leitoras a executá-los.



O *picot* dá uma graça inédita ao vestido e favorece imenso a saia, dando-lhe um aspecto composto e engraçado.

LILIANA.

“VOGA”

PREÇOS DE ASSINATURA

	3 meses	6 meses	1 ano
Continente, Ilhas e Espanha	17\$00	32\$00	62\$00
Exemplares registados....	22\$00	42\$40	82\$80
Africa Ocidental e Oriental		35\$00	68\$00
Exemplares registados....		45\$40	88\$80
India, Macau e Timor.....		36\$00	70\$00
Exemplares registados....		46\$40	90\$80
Brasil		36\$00	70\$00
Exemplares registados....		56\$80	111\$60
Estrangeiro		40\$00	78\$00
Exemplares registados....		60\$80	119\$60

NUMERO AVULSO Esc..... 1\$50

Dirigir pedidos às Livrarias Aillaud e Bertrand, R. Garrett, 73-75.



Vestido de Nicole Groult em crepe da china castanho quarnecido de rúches do mesmo tecido, fivela dourada.
Foto M Treres



Capeline em feltro cereja, fita de "gros grain" e aplicação de strass. Criação de Juliette Bretagne
Foto H Manuel



Feltro verde debruado de fio de prata
Foto M Treres



Vestido de noite em crepe georgette preto, aplicações em veludo preto, saia em godets, da casa Welly Saur
Foto H Manuel



Vestido em lame cerise, barra de peles
Foto M Treres

Casaco em tecido de fantasia em feitado de "ragondin". Criação de Philippe Gaston, usado por M^{lle} Huquette ex-Dujlos
Foto M Treres



Vestido em crepe georgette e ren das prateadas bordado à strass
Foto M Treres



Casaco em veludo de seda preto enfeitado a lontra cinzenta
Foto M Treres



Feltro castanho, motivo de strass, criação de Laurent
Foto H Manuel



Chapéu de crina e fita "gros grain" pregos em madeira pirogravada, da casa Maria el André
Foto H Manuel

COISAS UTEIS

OS BARÔMETROS INCOGNITOS

— VAMOS ter chuva, com certeza!

— Porquê?

— Repara nestes atacadores, na minha bengala, nestas luvas...

— ?!

— São mais bem fiéis avisos de mudança de tempo que todos os barômetros e termômetros de um observatório meteorológico.

«Pela sua observação diária, é-me sempre bem fácil prever com grande antecedência os aguaceiros imprevistos e prevenir os resfriamentos e constipações resultantes...

— Mas...

— É como te digo. Depois temos os gatos... excelentes barômetros... com pernas, sempre prontos e fieis acusadores das variações da pressão atmosférica, e que não enganam nunca.

«Basta analisá-los todas as manhãs. Se eles estão mais quietos que o costume, ou se lavam cuidadosamente, temos chuva, podes crêr!

«Depois, à mesa do almoço poderás verificar se o sal está húmido, agregado em «torrões» d'côr fôska. Outro sinal inegável: não te esqueças do chapéu de chuva...

«E as luvas, dir-se-hia que estão mais ásperas e endurecidas. É que a humidade da atmosfera actua sobre elas, enrugando-as irremediavelmente.

«As vezes os teus atacadores parecem desatar-se sem causa aparente: Se não trazes o «impermeavel» bem podes acautelar-te porque o aguaceiro está próximo.

«Até mesmo quando se partem, não censures a sua qualidade porque é um aviso infalível de que o tempo vai mudar.

Mas tens ainda a bengala. Parece-te mais pesada, sem o brilho do costume, parecendo untada com gôma, ahn?

— E então?

— Vamos ter chuva, com certeza!



Linda almofada, ultima palavra de moderno bom gosto.

RENDAS DOURADAS

UM LINDO ALMOFADÃO

UM dos trabalhos que está despertando maior interesse, pelos efeitos surpreendentes de arte e graciosidade, aliado à riqueza do conjunto da obra executada, são as rendas em fio de ouro que a Moda decreta sejam actualmente applicadas nalgumas decorações dos salões ricos e elegantes, tanto podendo figurar numa sala do mais puro estilo Luis XV, como nas mobiladas com móveis de gosto moderno.

Tanto numas como noutras, as rendas de fio de ouro fazem o melhor dos efeitos, applicando-as de forma que condigam com o resto do mobiliário, escolhendo a côr da sêda que tem de servir de fundo às rendas de ouro, num tom que diga bem com o conjunto da sala, realçando, assim, aspectos harmónicos que dêem ao trabalho em fio de ouro a distinção e sumptuosidade que o caracterizam.

O desejo que toda a senhora *chic* tem de tornar a sua casa cada vez mais bonita, alinhando-a com amor e ocupando-se das mil pequenas coisas que a possam embelezar, encontra neste trabalho uma realização preciosa, pelos resultados magníficos obtidos.

Um grande quebra-luz, feito em renda de ouro com contas também douradas, forrado de sêda no tom dos estofos, dá, tanto ao salão como ao gabinete de trabalho, uma nota de elegância e de riqueza, sem contudo ter ficado demasiado caro, se fôr feito em casa, servindo de distração a quem o confecciona e recompensando o trabalho que deu, pelo prazer de se obter um efeito tão artístico e rico.

Usam-se também estas rendas para com elas se fazerem os grandes *napperons* de renda, que

algumas pessoas gostam de colocar sobre as costas dos *fauteuils*.

Quando destinadas a esse uso, qualquer desenho dos que se applicam à renda inglesa pode servir, fazendo pontos simples, pois que para os *fauteuils* e *maples* não se applicam as contas douradas, para evitar que se partam.

Estes *napperons* feitos em fio de ouro não são forrados, usando-se da mesma forma que qualquer outra renda, ao mesmo fim destinada.

No nosso desenho damos hoje um lindíssimo fundo de almofada, feito em renda de ouro.

Executa-se passando o risco num papel tela, que se forrará de forma a que nêle possa ser alinhavado, seguindo o desenho, um lacet dourado, que será bordado com fio de ouro forte mas flexível, a que se juntam contas também douradas, de diversos tamanhos, como mostra o desenho, obtendo-se assim um lindíssimo fundo de almofada, que será depois applicado sobre um fôrro de setim igual àquele que fôr escolhido para formar a barra franzida em torno, sendo sempre de bom gosto na applicação destas rendas em almofadas, fazer que o tecido em que estas sejam feitas, seja todo da mesma côr, de maneira a que a renda dourada, sobressaindo no centro dum setim de côr lisa, tome um aspecto de grande distinção, com elegância sóbria, sem garridice, que não diz bem com este género de trabalhos, que são muitíssimo artístico, sobretudo quando se escolhem os preparos num tom de ouro fôsko, que lhe empresta um encanto especial e uma beleza mais suave.

ORION.

SORRINDO...

O CASAMENTO E A INSTRUÇÃO

N^o Irak e na Palestina, a instrução e a educação da mulher estão sendo seriamente ameaçadas por um inimigo poderoso e singular: o casamento.

A primeira attitude que as raparigas tomam, ao casar, é abandonar a escola, com a agravante de, naquelas regiões, os treze anos serem a idade do matrimónio.

Ainda se, ao menos, naquelas terras se cultivasse o paradoxo, estabelecendo-se o principio que para muitos é aceitável, de que uma boa aluna dá uma má esposa! Mas, o paradoxo não habita aquelas paragens asiáticas — o que é lamentável para os que defendem o desenvolvimento cultural da mulher. Se habitasse, o nível da instrução e da educação feminina não baixaria como está baixando, no Irak e na Palestina, duma maneira desoladora.

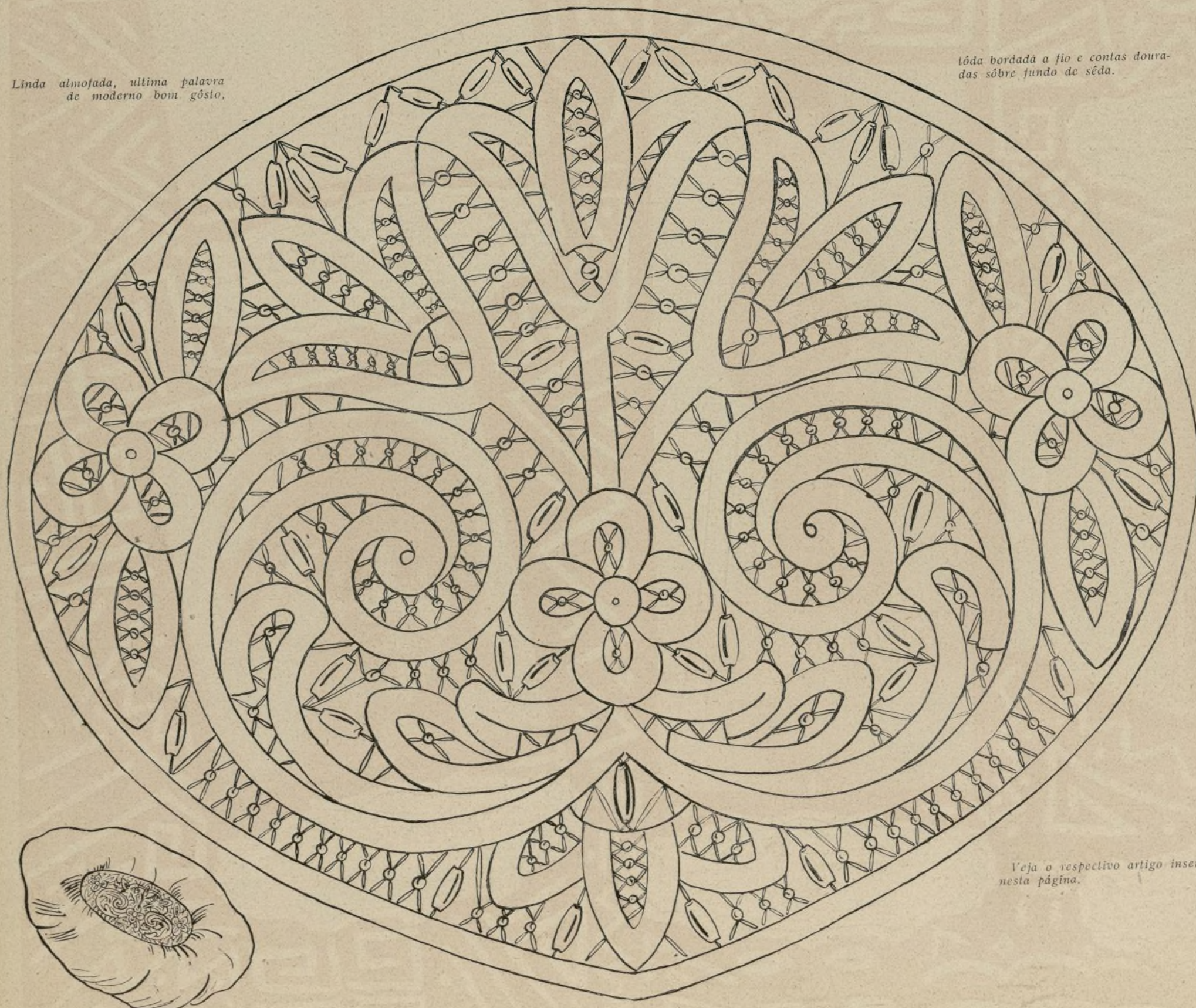
AS «SEBASTIANISTAS» DO CINEMA

MUITAS das inumeráveis admiradoras de Rodolfo Valentino, ainda se não encontram resignadas com a circunstância da sua morte. Para essas deliciosas e sentimentais obstinadas, o célebre actor de cinema ainda vive; vive, não em recordação, mas de facto!

É um novo sebastianismo que se prepara? Talvez. Mas as sebastianistas de cinema tem um critério menos lírico, menos poético, mas mais plástico do que os que sonharam, através de séculos, a vinda do rei que batalhou em Alcácer-Kibir, pois, pretendem que, num museu d' Londres, surja Rodolfo Valentino — em cera. Ficará sem vida, sem alma, mas terá tão exactas quanto possível a sua estatura, as suas feições e a sua mais característica expressão fisionómica. Não fala, é certo. Mas, não é verdade, que não lhe foi necessária a sua voz para ser objecto duma espécie de culto?

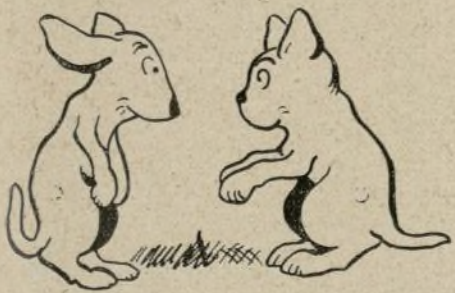
lôda bordada a fio e contas douradas sobre fundo de sêda.

Veja o respectivo artigo inserto nesta página.



HISTÓRIAS PARA GENTE MIÚDA

UMA LIÇÃO DE "BOX"

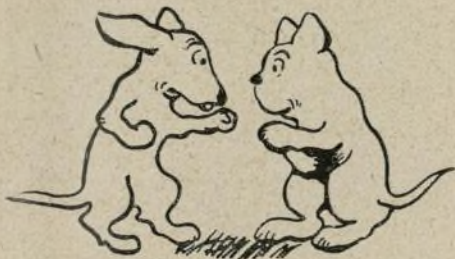


O Tóto e o Tirol eram dois cães muito amigos, muito manos mesmo, se assim podemos dizer. Passeavam sempre juntos, juntos comiam, colaboravam nas mesmas pirraças aos habitantes da capoeira e, era certo: em se tratando de alamar e perseguir os mesmos gatos, lá tinhamos nós como principais culpados o Tirol e o Tóto. Grandes diferenças havia, porém, entre os dois sócios da pândega: enquanto o Tóto era todo simplicidade — o que se poderia chamar um cão sem más intenções e sem pensamentos reservados, — o Tirol era matreiro, velhaco, e tinha sempre na cabeça qualquer brincadeira arrelhante. É claro que era muito amigo do



agradeceu ao Tirol o favor incalculável de ser seu iniciador e mestre na difícil arte do Box.

— Para aprender como se ferra uma tarefa no cão nosso próximo é preciso ter muita paciência e muita resignação. Primeiro tens de te dispôr a apanhar uma data de bofetões: em tu lhes conhecendo os efeitos e a maneira como eles te são dados nas ventas, já sabes, sem hesitação e a tempo, pregá-los nos teus ami-

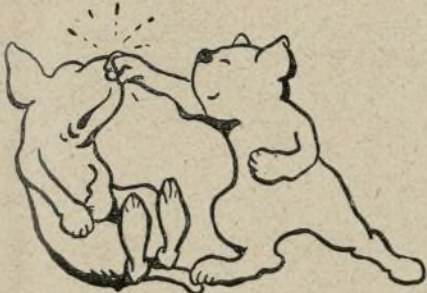


Tóto, tinha por ele o que se chama uma amizade, uma dedicação caninas, não o excluía das suas patifarias, mas, sempre que podia, pregava-lha. E o Tóto, a pesar do seu feio simpório e pateta, descobria às vezes que estava sendo objecto da troça do Tirol... Havia então entre ambos um ladrar furioso, dentadas... de amigos íntimos, e intermináveis correrias. Nesse momento, ambos eram duma amizade... de cães! Mas a verdade é que, após esses momentos de pirraça, a amizade voltava a ser o que fora antes e essas questões fugitivas mais não faziam do que aumentá-la.

Um dia, o Tirol, que era um grande disfarçador, foi procurar o Tóto e disse-lhe muito lampeiro:

— Tu nunca experimentaste o box?

— Que diabo vem a ser isso?

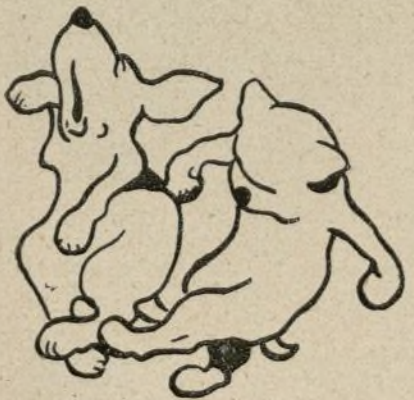


— Hom'essa! Então tu não conheces a arte do Ruivo? Não lêste no jornal o desafio do Dempsey e do Tunney?

— Sei lá quem são esses cães!

— Qual cães! São dois homens que se teem farto de ganhar dinheiro a esmurrar as ventas de próximo! Nem tu calculas a beleza que é a gente, atacada por um fabiano, aplicar-lhe logo nas ventas um directo... Queres aprender?

O dono dos dois cães era o que se chama um entusiasta pela nobre arte. Muito fino e bem educado, sempre que havia sócio em qualquer circo lá estava ele a bater com os pés, a berrar



com toda a fúria: «Isso! Prêga-lha agora! Isso mesmo meu anjo! Toma!»

Tinha mesmo no quarto os retratos de Carpentier e do Tunney — nomes arrevesados, que o pobre Tóto já jamais havia ouvido ladrar.

— É mesmo uma vergonha que tu, meu querido Tóto — dizia o patife do Tirol — não te-

gos. Eu cá sou mestre no género: confia em mim e verás. Ora vamos nós lá a isto!

E para começo mandou-lhe um directo aos queixos que o Tóto até ladrar de dôr!

— Oh da guarda! oh da guarda!

Mas, entretanto, o Tirol passava-lhe uma rasteira e fazia-o ir de ventas ao chão.

— Este é um dos grandes golpes da nobre arte! — asseverava o velhaco! — Aprende menino, aprende!

Mal o Tóto se levantou com os queixos num bôlo, o Tirol mandou-lhe as patas trazeiras ao focinho, imitando assim um burro que costumava passar lá ao pé da sua casota. Era ainda box, asseverava o patife, e box a quatro patas!

Alegríssimo com o êxito das lições, e ainda mais com a sova que estava dando ao seu companheiro, mandou-lhe um murro tão certo que o Tóto virou os pés com a cabeça:



— Vês que beleza, hein? vês?

— Vêjo sim! Vêjo as estrêlas ao meio dia!

— replicou-lhe o Tóto atordoado.

— Então agora lá vai um jab!

E zás, um murro pelo focinho abaixo, da testa ao queixo.

— Oh da guarda! assassino!

— Agora um cross!



E bumba! um sóco aplicado pela esquerda que fez o desgraçado Tóto rodopiar sobre ele próprio.

— E agora — isto é que é saber, hein, ó Tóto? — agora um sóco ao queixo! Que lindos sonhos que vais ter!

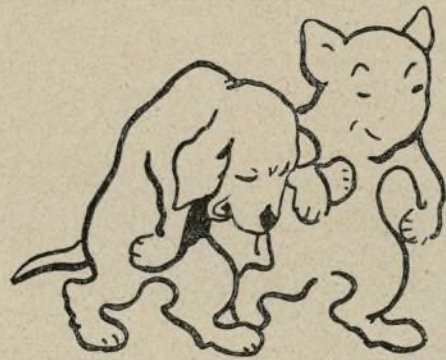
E, se melhor o disse, melhor o fez... O Tóto daí a momentos estava estatelado no chão, quasi sem sentidos.

O Tirol quando reconheceu que o aluno já não podia suportar mais pancadaria, observou-lhe com um ar cheio de malícia:

— Parece-me que estás um pouco cansado!

O Tóto, em boa verdade, já estava mas era a desconfiar da história, mas não se atrevia a protestar, com receio de magoar e ofender o seu mestre e amigo. Ficou-se silencioso. E o Tirol, que lá no íntimo bem sabia a patifaria que tinha feito e começava a receiar uma boa dentada nas canelas, tomou o silêncio do amigo por mau sinal, e, com um certo remorso pela maneira como tinha abusado da boa fé ingénua de Tóto, abraçou-se a ele e disse-lhe:

— Bem! vamos lá às sopas! Vamos descansar! A lição continua amanhã!



A DAMA MISTERIOSA

L EU e releu o seguinte anúncio:

«Senhora nova deseja corresponder-se com rapaz que tenha predilecções literárias. Carta a este jornal, letras M. B.»

Dobrou cuidadosamente o jornal, guardando-o no bolso e saíu. Tratava-se duma rapariga bastante feia, ou, talvez, duma senhora em idade de ser mãe duma rapariga, que procurava conquistar, a distancia, e sem ser vista, a alma dum pobre liceal de dezaseis anos, perturbando-a, sem perigo. Resolveu escrever-lhe com a intenção, no fundo, um pouco mórbida, de a convencer a desvendar o seu anonimato e de conhecer, através da sua realidade plástica, aquela dama que ocultava, no mistério, a sua fealdade e o seu desequilíbrio nervoso. E escreveu uma longa série de cartas em que as mentiras, elaboradas com meticulosa habilidade, construíam um sêr arquifalso e arquifantástico. Durante um mês, a brincadeira decorreu sem sobresaltos, seguindo as normas habituais deste género de relações entre duas pessoas que se ignoram.

Ela, numa das cartas afirmava a sua juventude, com teimosia, declarando-a, contudo, sem brilho, sem ilusões nem ambições, contentando-se o seu espirito muito irrequieto e muito sensível, com os protestos platónicos de simpatia dum desconhecido, bastante valoroso para a aceitar como ela francamente se confessava: feia, duma fealdade simpática, mas evidente.

E neste duelo de frases, nesta batalha de palavras, a fealdade, quando simpática, foi-se, pouco a pouco, aureolando, divinizando-se, irradiando sentimento e desabrochando em líricas esperanças e quasi apaixonadas promessas. E um dia, a dama misteriosa prometeu aparecer. Marcou-se o encontro — e a dama misteriosa faltou.

Arrependera-se, como o confessou numa carta em que sustentava estar o seu orgulho acima da sua fealdade, acrescentando ainda que ignorava se o autor das cartas seria uma pessoa de liceu ou um disfarçador sem grandeza; um D. «Juan» infeliz que recorria para realizar conquistas a meios, afinal de contas, tão caricatos.

E, habilmente, ela foi, aguçando-lhe a curiosidade, amontoando duvidas, acumulando renitências, apoderando-se da sua verdadeira individualidade. E ele que resolvera fazê-la cair na armadilha, teve de render-se, resignando-se ao papel de vítima. Chegou à transigência, — à abominação, como ele dizia — de desvendar o seu nome e de contar todos os actos mais importantes da sua vida. E, nem assim a dama se mostrava disposta a arrancar a gaze negra do mistério em que se envolvera.

Exasperou-se. Quis salvar o seu orgulho depois de o ter deixado naufragar. E escreveu uma carta declarando que tinha abusado do nome dum seu amigo, a quem, aliás, já fôra pedir desculpa da incorrecção, praticada sem mau propósito.

Quinze dias decorreram sem que a dama mis-

teriosa abandonasse o seu silencio. Ao fim dum mês, o silencio continuava, o silencio parecia definitivo.

*
*
*

— Em que tragedia tem vivido nestes últimos meses? — inquiriu Albertina, espionando-lhe a sua tristeza, mal dissimulada.

— Essa mesma pergunta tencionava fazer-lhe.

— Tão pálido, tão magro...



— Tão magra, tão pálida...

E ambos riram da coincidência, embora se fitassem, procurando mutuamente o que havia nas suas palavras de sinceridade ou de zombaria.

Pedro acabou por se sentir incomodado perante a insistência com que ela aludia à sua tristeza. Estava, contudo, longe de esperar o que ia acontecer e daí o ter escutado, de coração tranqüilo, sem curiosidade, a promessa de lhe mostrar umas cartas de que ele muito havia de gostar. Por isso foi grande o seu sobre-

salto quando ela lhe mostrou as cartas que escrevera à dama misteriosa.

Ergueu-se de subito e perguntou, vibrante de indignação:

— A dama misteriosa é filha da sua zombaria?

Ela, sem sorrir, muito serena, negou. Tratava-se duma amiga sua. E para lhe provar a sua amizade, comprometia-se a convencê-la a aceitar o encontro que ele, com tanta insistência, pedira.

Aceitou e agradeceu com reconhecimento. E dias depois encontrou a dama misteriosa que era bonita como a Albertina, que era a propria Albertina, envergonhada, lacrimante. Ele, ainda mais envergonhado, teve força para sorrir, generosidade para perdoar o embuste — vingança dum outro embuste que só o casamento iria destruir, como um desfecho inevitável e inesperado, proprio de duas almas que tinham chegado por timidez ao paroxismo do desespero e da crueldade.

HELENA DE GUSMÃO.

UMA AVENTURA ROMANESCA... E CURIOSA

JOHN Rockefeller Prentice, filho dum milionário e neto do multimilionário Rockefeller, abandonou, após uma violenta discussão, sua família, resolvido a viver, à sua custa, liberto duma tutela que o critério romântico da sua juventude impetuosa, considerou opressiva e aviltante.

Durante muito tempo sofreu as maiores inelâmências: foi cidadão do universal país da miséria e errou, pelas ruas, tendo por leito o solo, dormindo sob um docel de estrêlas, ao ar livre, — livre e regelante. Sua aventura fez-lhe conhecer os mais humildes e duros mistérios: foi varredor de neve, marçano e vendedor ambulante. Actualmente é estudante universitário e está contando, com grandes e difusos pormenores, os sofrimentos que passou. E a América, assombrada de admiração, lê, com avidez, esta história romanesca, paga pelos editores de tal modo que, o filho de milionário e neto de multimilionário vai fazer, certamente, com a sua fome — uma fortuna.

Se fôsse latino teria feito com ela, simplesmente — um poema. Mas como é americano e, portanto, mais prático, limita-se a anunciar ao mundo que isto de passar dias sem pão e noites sem luz, pode, nalguns casos, constituir um filão aurífero.

O PAPÁ, A MAMÃ
E A FADA...

O menino Gabriel era adorado pelos papás. Tinha bom coração, era muito obediente, muito dedicado ao estudo, mas não deixava, por isso, de ser muito desinquieto. Seus papás, disfarçavam, um pouco, o grande amor que lhe tinham, no receio de que ele abusasse e se tornasse mau. Principalmente, seu papá, levava, muito a capricho, a dissimulação da sua ternura pelo Gabriel. Quando sorria, enlevado, ao escutar uma das suas diabruras, rapidamente transmutava seu rosto, dando-lhe uma expressão um tanto severa. O papá tomava até, às vezes, ao repreendê-lo um ar carrancudo a ver se o assustava. Mas, o Gabrielsinho não se atemorizava, porque já sabia a maneira de o enternecer. Fingia-se muito aborrecido, alongava um pouco o lábio inferior e punha os olhos no chão, simulando um grande tristeza. Então, o papá fitava-o de soslaio, encarava a mamã, com ligeiro sorriso e erguia-se da mesa. O Gabrielsinho seguia-o até ao escritório e, sem dizer palavra, espionava-lhe todos os movimentos.

O papá escrevia, sentado junto da sua secretária, com um ar muito grave; de quando em vez, reparava no pequenito, mas desviava, logo, a vista. O Gabrielsinho notava o interesse do papá, mas fingia não dar por ele e, a sua tristeza postiça, ia adquirindo, com o alongado beicinho, uma expressão mais magoada.

O papá, não deixaria de lhe fazer festas — ele bem o sabia. Após alguns minutos, puxava pelo casaco do papá e voltava as costas, amuado. Até que ele, sem se poder dominar, por mais tempo, sentava-o no colo, acarinhando-o. E o Gabrielsinho ia, pouco a pouco, desamando-se, acabando por, num movimento impetuoso, lhe lançar os braços ao pescoço. Era, nessa altura, que ele falava dos seus desejos, que tentava



obter qualquer brinquedo. Nesse dia, contou do grande desejo que tinha de ter um cavalo — um que fosse bonitinho.

O papá respondia que ele não merecia o brinquedo pedido mas que, talvez, mais tarde, merecendo-o, ele lho compraria. A não ser que...

E o papá, nesta altura, referia-se àquela fada, amiguinha dele, de fácil enternecimento e grande generosidade e benevolência que lhe dava todos os bonecos que ele desejava. Talvez que ela, sabendo que o Guilhermesinho queria um cavalinho lho desse. O pequenito, sorriu, malicioso. Ele não acreditava lá muito naquela história da fada. A fada era o papá ou a mamã — se calhar, eram os dois... A dúvida da existência dela viera-lhe desde o dia em que notara que a fada só lhe dava os brinquedos depois dele o pedir ao papá.

Um dia, fizera a experiência: suplicara à fada um automóvel de corda. E esperou durante uma longa semana. E a fada não apareceu! E não teve o automóvel de corda!

O Gabrielsinho perguntou, malicioso, ao papá que o observava, intrigado, o seu rostozinho velado de tristeza:

— E a fada dá-me, hoje, o cavalinho?

O papá, atrapalhou-se, um pouco, ao dizer: — Não sei. Mas, hoje, não é possível. Naturalmente, só te aparece amanhã.

O Gabrielsinho depois de beijar o papá foi, por astúcia, perguntar à mamã se a fada lhe daria o que pedira. E a mamã, só depois de falr com o papá é que lhe respondeu. Não havia dúvida, ambos o enganavam com essa patranha da fada. Mas, ele havia de mostrar que já tinha compreendido tudo. Era preciso que os papás se convencessem de que era um menino já muito crescido, incapaz de ser assim ludibriado.

Nessa noite, o Gabrielsinho, jurou não adormecer, antes que lhe fôsem pôr a prendasiinha, no quarto. Esperou durante muito tempo, lutando com o sono, até que a porta do seu quarto se abriu, de mansinho. O Gabrielsinho

ELEGANTES MODELOS DE INVERNO

DESCRIÇÃO

PARA facilitar os arranjos de vestidos dos anos que passam e para realização doutros que se deseje mais simples e práticos, começamos hoje a publicação de modelos que tenham essa utilidade.

A nossa página central, feita com modelos vindos expressamente de Paris, e todos eles dum grande requinte de elegância, necessita para a sua confecção de maior despesa e enfeites de mais elevado preço.

Como os vestidos sóbrios, de simples corte e singelo feito, também temem uma parte importante no guarda-roupa de todas as senhoras, Voga inicia hoje a publicação de uma página de modelos desenhados, tendo todos a especial característica da elegante simplicidade, linda e econômica.

Modelo n.º 1 — É um elegante vestido em «jersey» de lã bege, enfeitado com estreitas barras de «jersey» ou crêpe da China «bordaux». Este modelo também fica encantador em cinzento muito claro e azul forte.

N.º 2 — É um elegante «ensemble» de veludo preto e «gris» claro. A gola, mangas e as aplicações, podem ser também em veludo rosa, salmão ou ocre, ou nas mesmas cores em seda.

N.º 3 — É um simples vestido em crêpe da China, completamente plissado, e sobre este uma graciosa «veste» em veludo no mesmo tom, enfeitada com pequeninas flores bordadas.

N.º 4 — Lindo vestido em crêpe da China ou fazenda salmão muito claro, enfeitado de pequeninas nervuras na saia e nas mangas.

Sáia em godets. Gola e cinto na mesma cor, em tom mais escuro, ou, preferindo-se, no mesmo tom.

N.º 5 — Encantador vestido em fazenda clara enfeitado a nervuras e aplicações em bicos na mesma fazenda num tom um pouco mais escuro. A gola e cinto também mais escuro. Em castanho e bege, verde escuro e bege, ou dois tons de azul, fica muito bonito e original.

N.º 6 — É um lindo vestido num só tom, mas

que é encantador na sua sobriedade, no seu corte cheio de graça.

N.º 7 — Vestido em fantasia escocêsca, castanho e bege, sobre um «empiècement» em fazenda num só tom, bege por exemplo, com um largo cinto e o laço da gola em veludo castanho. É um vestido muito prático, e que nos ajuda imenso no desejo de aproveitarmos duas fazendas, cujos tons combinem, num vestido bonito.

N.º 8 — Interessante casaco em fazenda de riscas estreitas, num só tom. O efeito obtido com a disposição das riscas, também se pode obter numa fazenda lisa com estreitas tiras, dispondo-as da maneira como o modelo mostra. O viez está sumamente em moda, tanto no mesmo tom do vestido, onde é empregado simplesmente com diferença de tecido, como noutra tom.

A pele da mesma cor da risca da fazenda ou da cor do viez, se o casaco for feito com este é duma harmonia extraordinária e linda.

N.º 9 — A simplicidade deste modelo tão elegante, atrai decerto muitas atenções para o seu conjunto sóbrio e de fácil execução. Todo numa só cor, com o cinto em imitação de «pele de cobra» e uma pequenina fivela escolhida com intuição fantasista, alegre e completa este modelo tão curioso e bonito.

N.º 10 — Este vestido de baile, indiscutivelmente chic, é feito em setim «charmeuse» azul forte com um largo cinto formando um caprichoso laço, caindo a ponta mais abaixo da saia.

O peitilho e a faixa é feito em «lamé» dourado, que sobre o azul é dum efeito tão lindo e agradável. Um grande crisântemo no ombro esquerdo termina a riqueza do conjunto.

N.º 11 — São os godets a novidade deste inverno e são eles tão graciosos que este vestido duma simplicidade de enfeite talvez demasiada, não perde a sua graciosidade. Os godets são a nota moderna e gracil que dá a este vestido o encanto particular da sua sobriedade.

MADEMOISELLE X.

A PROPÓSITO DE LIVROS

AINDA A LITERATURA INFANTIL — EM TEMPOS QUE JÁ

LÁ VÃO..., POR D. MARIA DE SOTTO-MAYOR E ABREU

— HISTÓRIAS PEQUENINAS, POR D. MARIA DO

CARMO PEIXOTO — MANHÃ DE NEVOEIRO, POR

MAS POR GUILHERME DE FARIA.

Não damos novidade nenhuma aos leitores se lhes dissermos que o mais difícil de todos os gêneros literários é o dos livros para crianças.

Há que o escritor abaixar-se até ao nível intelectual da gente de palmo e meio; forçosamente reduzir o vocabulário e utilizar entretinhos que, prendendo a atenção dos pequeninos, por forma alguma lhes vão desnaturar a alma cândida e ainda em formação. Compreende-se, pois, como tanta e tanta criatura que se meteu a escrever para crianças faliu por completo: é que lamentavelmente confundiu a sua personalidade com a dos seus futuros leitores e deu-lhes como leitura aquilo que estava fora da sua psicologia.

Entre nós, o género conta muitos cultores, os quais, valha a verdade, raras vezes tem sido felizes. Mas, dentre aqueles que mais tem procurado aproximar-se do entendimento dos pequeninos, é justo citar uma senhora que surge agora na literatura para crianças com um livrinho interessante e ameno: referimo-nos à sr.ª D. Maria de Sotto-Mayor e Abreu, cujos contos infantis, enfeitados sob o título *Em tempos que já lá vão...* constituem um delicioso repositório de histórias que as inúmeras leitoras da Voga deveriam adquirir e ler aos seus engraçados e traquinas bebês. Não há nesses contos nada que possa ofender a alma da gente miuda e desprende-se deles mesmo uma lição moral que, por vezes, é esquecida em livros do género. O voluminho *Em tempos que já lá vão...*, deveria, segundo o nosso parecer — e bem modesta que é a nossa opinião! — ser adquirido por todas as mamãs. Diz a cantiga popular que, quem tem filhos pequeninos por força lhes há de cantar... Se a leitora não estiver para cantigas, porque não há de ler aos seus bebês o *Em tempos que já lá vão...*?

O título do livro da sr.ª D. Maria do Carmo Peixoto, *Histórias pequeninas*, por forma alguma significa dever ele ser incluído na literatura infantil. Os seus assuntos estão longe de poder ser compreendidos pelos cérebros ainda por formar inteiramente e deverão antes dirigir-se à eterna criança que sempre existe em cada um de nós.

deixou-se ficar muito quiéto, imitando a respiração das pessoas adormecidas, mas, um dos seus olhinhos, estava entreaberto e muito atento. Através da claridade azulada do luar, viu, uma forma branca desenhando-se, recortando-se no humbral da porta. E o vulto, que era tal qual o das fadas das suas lindas histórias ilustradas, avançou, lento e silencioso, e depois o cavalinho que trazia numa das mãos, numa ponta do tapete. Maravilhado, o Gabrielsinho cerrou os olhos, não fosse a fadasiinha zangar-se e retirar-se com o brinquedo. Sentiu que ela lhe ageitava a roupa do leito e o beijava, levemente, para o não acordar.

No dia seguinte, o Gabrielsinho contou à

de nós, mesmo quando vestimos do Amieiro ou terçamos armas pelos chapéus à aviadora ou pela masculinização da moda feminina... As *Histórias* da sr.ª D. Maria do Carmo Peixoto, cheias de ingenuidade e de lirismo, poderiam, a nosso ver, substituir na biblioteca da leitora outros livros que terão, quiçá, mais arte, mas que por certo lhes não modificam a alma para melhor... É literatura branca sem malícia, sem maldade, alguma coisa que, falando-nos da bondade e da beleza, deixa o nosso espírito em repouso e de bem consigo próprio. Aham as leitoras que é pouco, demais a mais num tempo em que a literatura parece apostada em rebaixar a mulher ao nível da mais baixa animalidade?

Guilherme de Faria é um dos mais delicados, um dos mais portugueses poetas do nosso tempo. Vive e anda presa nos seus versos aquela doce e amorável melancolia que eternizou o nome de Bernardim Ribeiro; a sua musa não se contorce em esgares e repêlões e, quando soluça, fá-lo baixinho, enternecedoramente; há nela uma saudade viva a que não falta um pouco de resignação cristã. Guilherme de Faria, com o seu novo e delicioso livrinho *Manhã de nevoeiro*, só veio comprovar aquilo que dele pensávamos. Os temas dos seus versos — a Saudade, o Amor, a Fé — eternos enlévos das almas portuguesas, são tratados com uma tamanha dose de lusitanismo e utilizando uma forma tanto a dentro dos moldes consagrados nos velhos cancionários que os leitores desse livrinho por certo ficarão surpresos de encontrar quem, nos dias de hoje, cheios de revolucionarismo, ainda saiba cantar e soluçar com a mesma sensibilidade daqueles pobres e desventurados portugueses que escreveram um dia para a eternidade literária a *Menina e Moça* e a *Cantiga*, partindo-se...

O livro de Guilherme de Faria é um dos mais belos, por certo, que nos trouxe o ano que findou. Quem for português, quem tiver uma alma lusitana, deve adquiri-lo e lê-lo uma e muitas vezes!

F. M.

mamã, a aparição da fada. E notou que ela lhe escutava, enlevada, esta sua infantil observação:

— A fada gostava mais dos papás do que de mim.

— Porque? — inquiriu o papá, com o seu ar grave.

— Porque só me dava os brinquedos, por eu ser muito amigo deles e depois de eu lho ter pedido.

E deram-lhe, a seguir a esta sua resposta, tantos beijos que ele esteve para pedir outro cavalinho. Mas — pensou — que seria muito feio abusar do papá, da mamã... e da fada...

HERMINIA ALBUQUERQUE.

CARTA DE PARIS

Dezembro.

Querida:

Os amadores de «sport» estão no auge da alegria.

O termómetro está abaixo de o e procura-se com entusiasmo palins e acedórios para divertimento.

Se tu visse a inquietação dos jovens, enquanto os velhos se lastimam amargamente da frieza e rigores do inverno que lhes ataca o reumatismo!

Tu contas-me as tuas preocupações sobre as recepções do fim do ano, e querias que eu estivesse junto de ti.

Minha queridinha, seria um grande prazer para mim poder ir-te ajudar, mas eu estou



muito presa e com a transferência em perspectiva, ser-me-ia impossível fazer neste pequeno intervalo ainda uma viagem.

Obrigada por teres pensado em mim. Como-ve-me imenso que tu quisesse ter a maçada de ter junto de ti a tua velha tia, tão aborrecida.

E agora façamos o balanço das minhas ocupações mundanas desta semana.

Um maravilhoso baile no sábado à noite, com buffete, «cotillon» e danças negras. Muitas elegâncias e, entre outros, um encantador vestido todo em «pailletés» preto.

No corte distinguiu-se, em absoluto, de todos os outros, muito justo e formando quasi «vestido-casaco», mas sem mangas, é claro. Um fio prateado contorna todo o vestido.

Muitos vestidos de estilo, mas principalmente para meninas. Reparei num vestido em crêpe «satín» rosa, muito pálido, enfeitado com uma admirável renda dourada.

Como única guarnição, um molho de fitas cor de rosa e douradas, caindo abaixo da saia.

Para terminar, hoje, eis dois elegantes chapéus que eu submeto à tua apreciação.

O primeiro:

Um largo «béret» muito alto à frente, em linda palha bege.

Toda a parte da frente é feita em pequeninas plumas coladas no tom de castanho a bege, em escala.

O outro é em palha de seda, lindamente entrançada, formando tiara. Um lindo efeito de plumas de fantasia, caindo sobre o rosto no



lado direito, dá-lhe um aspecto muito gracioso. Eis duas novidades do momento.

Esperemos que a temperatura se suavise rapidamente e nos permita inaugurá-las.

Beijos da tua tia

NUELMA.

VISADO PELA COMISSÃO
DE CENSURAAdquirem-se noções de todas as
coisas lendo o

MAGAZINE BERTRAND

BINÓCULO

Estamos desvanecidos com o êxito da página de Natal da «Voga» em que reunimos os filhos dos artistas mais queridos do público. E agora somos nós que agradecemos aos artistas as manifestações de simpatia que a nossa ideia lhes mereceu. Porventura «Voga» poderá continuar a fazer algo de interessante nestas colunas se a gente de Teatro, a quem esta secção é especialmente dedicada, nos não faltar com o apoio moral que tão gentilmente nos promete.

ECOS DISTANTES

VIDAL Y PLANAS, o desventurado escritor que um momento de fatalidade e alucinação fez criminoso, conhece agora a alegria ruidosa do sucesso. «La Virgen del Infierno», a sua popular novela, acaba de ser adaptada à scena. Representou-a em 30 de Dezembro, no Fuencarral de Barcelona, a companhia de Paco Fuentes, obtendo um grande triunfo.

UMA ANEDOTA

Uma ilustre escritora brasileira fez representar há anos, no Rio de Janeiro, a primeira peça sua, um drama em que entravam muitos personagens, uma infinidade de pequenos papéis, a sustentar as duas figuras principais, o verdadeiro eixo da peça.

Madame comparecia aos ensaios, dava indicações, sugeria detalhes... E chamou, um por um, todos os artistas ao «foyer» do teatro, para conversar sobre a sua obra...

No ensaio geral, reunidos os quinze ou vinte interpretes do drama de Madame, trocavam-se impressões sobre o provável êxito da ansiada première...

— O meu papel é pequeno, mas tem uma compensação... Sempre é o primeiro papel da peça...

— Essa agora! — respondeu outro artista. O primeiro papel da peça é o meu... pelo menos assim o pensa a escritora.

— Não pode ser! Madame disse-me particularmente que o primeiro papel era o meu. Mas que me calasse, porque os colegas podiam não gostar...

Em resumo... Madame conseguira convencer a todos, um por um, de que interpretavam o primeiro papel da sua peça...

ILDA Stichini é uma inteligência e uma sensibilidade. Basta vê-la representar, basta ouvi-la conversar. E Ilda Stichini conversa porque tem o prazer de conversar. Nunca para matar o tempo, ela que sabe viver todos os minutos do seu grande dia. E também escreve sempre que pode.

Magazine Bertrand pediu-lhe um dia a sua opinião sobre os «novos» que fazem teatro em Portugal. E Ilda Stichini mandou uma carta deliciosa, que tem sido transcrita em vários jornais e revistas. Pena é que nem sempre haja a delicadeza de citar-lhe a procedência, ao transcrever-se o já famoso artigo.



Voga segue outras normas de cortesia. E é com prazer que cita O Açoreano Oriental, jornal que se publica há noventa e três anos na Ilha de S. Miguel, ao transcrever nesta coluna uma carta que Ilda Stichini enviou à redacção, no dia da sua festa artística, com a peça de Fernanda de Castro, «Os Naufragos». Antes, porém, de apresentar às nossas leitoras essas linhas em que transparecem o coração e a inteligência de Stichini, digamos que a artista insigne teve em Ponta Delgada, onde já de novo se encontra, como em Angra do Heroísmo, na Madeira, no Faial, uma recepção que se pode, sem favor, classificar de entusiástica e sem precedentes. Festas em sua honra, placas comemorativas, discursos, números de revistas, especialmente dedicados, sendo certo que no Teatro Micaelense, Ilda Stichini viu com orgulho descerrarem-lhe uma lápide ao lado das de Emília das Neves, Taborda e Itália Vitaliani. Mas vamos à carta...

«isto de escrever para os jornais é mais difícil do que parece. É espantosamente difícil. Eu podia falar das belezas desta linda terra tão marcadamente portuguesa, ou do carinho tão português do público micaelense; mas arriscava-me a dizer o mesmo que os que não sentem, e eu sinto demais para me resignar a parecer que minto. Podia ainda, por vingança, fazer o perfil da pessoa que me meteu nestes trabalhos, mas já tentei e tive que desistir. Isto de perfis vingativos, quando o perfilado é pessoa de talento, é impossível. Resolvo por isso contar — mal — o motivo porque resolvi voltar, assim que Deus Nosso Senhor o permita, a esta linda ilha de São Miguel, onde o céu anda mais perto das nossas almas do que na minha terra. Foi há dias. Acabei de representar a «Simone» e caminhava para o camarim, como-via ainda com as ovações do público. Vejo-me com um ramo de rosas nas mãos e lembro-me da linda pequenita que m'as deu em scena. Chamo-a: «O ramito é teu?»

— É do meu pai.
— É quem é o teu pai?
— É o chefe dos porteiros.

Insisto: «Porque me manda flores, o teu pai?»

— Fui eu que lhe pedi. Como a senhora tem tido pouquinhas... mas não cuide que não gostamos de si... gostamos todos, muito!... Mas como não veio no tempo... a chuva escangalhou tudo!...

E erguia para mim os seus olhinhos inocentes como que a pedir-me perdão para Nosso Senhor, por Ele permitir que chova em Dezembro! Apertei a pequenita nos braços e, sem hesitar, respondi à pergunta que há dias me vinham fazendo pessoas amáveis, à pergunta a que eu não ousava responder ainda há pouco na comoção dos aplausos: Voltarei. Voltarei, nem que não seja senão para sentir o carinho do público e receber o teu pequenino ramo, minha pequenina amiga de olhos inocentes, que pedem perdão por Deus Nosso Senhor não dar flores em Dezembro! Voltarei — mesmo que não seja no tempo das flores...»

ILDA STICHINI.

INCONFIDÊNCIAS

A nossa organização teatral não é das melhores. Vícios antigos da maneira espertalhona de se fazer teatro foram ficando pelos anos fora, como ainda subsiste no baixo comércio o hábito de se regatear, de se pedir cem por aquilo que vale dez. E estas lojas, à guisa de vendedores ambulantes de contrabando, existem a par de outras em que o negociante limita os lucros à taxa justa de tantos por cento sobre os artigos que vende, a preço fixo, ao público. Pois o teatro como o comércio, ainda tem destas manchas, destes maus negociantes. Um facto, recentíssimo e tristíssimo, que não pode vir a público porque não nos anima o desejo de fazer ataques pessoais a quem quer que seja, dita-nos estas linhas. Uma companhia organizada com sacrifícios de tempo, de dinheiro, de energias, tomou o rumo da província, levando à frente um nome prestigioso e honesto e um grupo de valores e de boas vontades.

O desejo de se atrair essa companhia a um determinado teatro de Lisboa fez com que se generalisassem insinuações graves e maldosas sobre os que conduziam a «troupe». E a pessoa que se constituía espontaneamente fiadora, dando ouvidos a essas insinuações, levantou a sua fiança. A companhia ignorava o que em Lisboa se passava e prosseguiu em sua «tour-née», a cumprir os contratos. Mas um belo dia fecharam-se-lhe, por ordem superior, os teatros. Não havia fiança. Andaram de terra em terra, e por toda a parte, as ordens superiores os retinham nos hotéis, sem poder trabalhar, ante o desespero dos empresários e o espanto e a chacota dos habitantes.

E os artistas, ao cabo da odisséia, tiveram que regressar a Lisboa, não encontrando quem os indenizasse do prejuízo e os compense do ridículo.



ÚLTIMOS MODELOS

(Veja descrição na página 3)



Muito longe. O senhor concedeu-me a tarde toda, não é verdade? Bem; quero levá-lo, primeiro, a outra mesquita de que eu gosto; depois, mais longe ainda, até à grande muralha bizantina que rodeia Stambul. Em seguida, voltaremos... por outro caminho.

Uma encruzilhada, duas, três. As vielas baralham-se tanto quanto podem, curvam-se e recurvam-se sem que lhes importe seguir qualquer direcção. Como se pode caminhar com destino em tal labirinto? E nem uma superfície plana: somente subidas e descidas. Bizâncio, como Roma, era a cidade das sete colinas...

Lady Falkland pára. Uma mulher esfarrapada, de véu, está agachada ao canto de uma porta, com uma criança doente sobre os joelhos. Não pede esmola, e olha para nós sem dizer

FOTOGRAFIA PORTUGALIA

A MAIS CHIC DO PAÍS

RETRATOS DE ARTE

105 R PASCOAL DE MELO, 109

TELEFONE 2179-NORTE

nada, através do tcharchaf de etamina grossa. Lady Falkland tira uma moeda da algibeira e quer dar-lha. Mas a pobre recusa altivamente e retira a mão. Não se aceita daquela maneira a piedade dos infieis! Então lady Falkland coloca a moeda na mãozinha da criança. A mãe hesita. Eu intervenho, e na outra mãozinha ponho outra moeda. Desta vez a mulher não resiste, e esboça um sorriso de cortesia com algumas palavras breves e suaves. Quando nos afastamos, perguntei:

— Que disse ela?

— É quasi intraduzível. Um agradecimento turco, cujo sentido é pouco mais ou menos: «Ide, sorrindo».

Que infinidade de ruas! Há mais de uma hora que caminhamos. Lady Falkland não se atrapalha nunca, anda e anda, no seu passinho lesto. Stambul será tudo o que quiserem, menos monótona. Os bairros sucedem-se aos bairros: uns, absolutamente desertos e mortos, com intermináveis veredas entre dois muros e à sombra movediça das acácias e das figueiras; — outros, povoados, com uma multidão de casinhas de madeira, donde saem mulheres de véu, silenciosas e quasi furtivas, e muita gente velha que se vai arrastando. De longe em longe, sobranceiro ao muro, um cipreste surge, saído não se sabe donde, alteja-se um minarete, desenhando-se nos ares uma cúpula de mesquita ou de medersah. E a cada cem passos, apertado entre duas vivendas, um cemitério minúsculo acumula, uns sobre outros, umas três dúzias de velhos túmulos. Os mortos e os vivos convizinham.

— Não faltam grandes praças, mesquitas pomposas e largas vias triunfais. Já lhe mostrei a Suleimanié Djami. Agora quero mostrar-lhe outras coisas diferentes.

A rua desemboca no ângulo de um jardim quadrado, gigantesco; não é um «square» da Europa, elegante e enfeitado: é uma quinta, onde medram em bela ordem umas cem mil couves, agradavelmente entremeadas de cenouras, alhos e espargos, tudo sombreado de árvores em quicôncio — pessegueiros, cerejeiras, damasqueiros. O jardim fica mais baixo, e é solidamente rodeado de uma espécie de barreira construída à maneira romana, que se eleva até ao nível da rua.

— Uma antiga cisterna bizantina... Muito curioso, sim. Mas venha por aqui.

Passamos ao longo de uma dezena de bonitas casinhas quasi novas, de um pinho fresco que cheira a resina. E abre-se uma pequena praça, com três plátanos, e limitada por um muro muito alto. Por detrás do muro, e a maior altura, aparece uma cúpula; e mais ao alto, dois minaretes se elevam entre os ciprestes gigantes.

BERTRAND IRMAOS, L.

FOTOGRAFADORES

T. DA CONDESSA DO RIO 27. TEL. T. 96

O HOMEM QUE ASSASSINOU

Claude Farrère

TRAD. DO DR. ALBERTINO DA SILVA

(Continuação)

— Uma grande mesquita?

— Sim. A Selimié Djami. Entremos no pátio. A porta é de arco pleno e muito velha. O pátio é quadrado, igual a um pátio de claustro, com arcadas e colunas. Mas as colunas são de um mármore antigo, que os séculos gastaram, até o tornar amarelo e transparente como o onix; e sob as arcadas, faianças persas iluminaram as quatro paredes com as suas cores eternamente vivas e frescas. No meio, há uma fonte de abluções, e à volta, os ciprestes que se vêem de fora. A mesquita próxima estende a sua sombra. Reinam ali uma calma e suavidade infinitas. Lady Falkland senta-se num degrau, ao pé de uma coluna, e pega no saco de papel amarelo.

— Aqui tem tamaras recheadas, amêndoas, e não sei que mais... Não está cansado? Temos andado muito e o piso é muito mau.

Não estou cansado. Comemos, envoltos em silêncio. Parece-me que ficaria horas e dias sentado a esta sombra morna, no meio deste claustro muçulmano, que não tem grade nem fechadura.

Lady Falkland apoiou o cotovelo sobre o joelho e o rosto no punho cerrado. E não distinguia a cor dos pensamentos que perpassam naquele cérebro. De repente levanta-se e procura o relógio:

— Men Deus! já quatro horas. Depressa, a caminho...

Fico inquieto: — A que horas parte o último chirket? Tem que voltar para Canlidja?

— Tenho, decerto. O último barco parte às doze horas e quinze... pouco mais ou menos seis horas e um quarto, à franca, hoje. E demais, não toca em Canlidja: segue a costa da Europa.

— Mas então?

— Vou a Kenikeny e atravesso de barco. Chegarei muito tarde, e não terei um quarto de hora para me vestir. O senhor sabe que nós jantamos sempre decotadas, em casa... Num quarto de hora, não poderei. Começarão sem mim, e quando eu entrar, hei de ouvir palavras desagradáveis. Mas tudo previi no meu programa de hoje: é, portanto, inútil o senhor lamentar-se.

Caminhamos, e a Selimié Djami já fica longe. Diante de nós, estendem-se as eternas vielas, mais aldeãs que nunca. Agora, as casas espaçam-se mais, separadas por jardins.

— Tenho esperança — murmurou lady Falkland — se encontrarmos uma carruagem em Edirneh-Kappu...

Edirneh-Kapu — a porta de Andrinopla — eis-la: uma grande abóboda deteriorada, que atravessa uma construção enorme, que mal se deixa ver por detrás de muitas casas com lojas, amontoadas. Passamos por baixo da abóboda. Alguns soldados sentados à porta de um quartel, contemplam o seu jardim, onde crescem girassóis e volúbeles. Por fora, um caminho de ronda, um fôso, um talude, todas estas coisas tão antigas, que mal se distinguem umas das outras. E além, uma planície plantada de ciprestes, imensa, indefinida...

A grande muralha de Stambul já fica atrás de nós. As formidáveis ruínas de ameias e torres afastam-se para o norte e para o sul, até se perderem no horizonte...

— Venha, venha... é tarde.

É para a planície dos ciprestes que temos de caminhar. Transpomos o fôso sobre uma ponte de pedra e descemos o talude de erva empoeirada. E eis a planície. É um cemitério. Ao pé das árvores hirtas, que o vento mal faz vibrar, túmulos, túmulos aos milhares, aos milhões, túmulos novos pintados de fresco e dourados, túmulos velhos, embranquecidos, emnegrecidos pelo sol e pela chuva, túmulos antigos, gastos, carcomidos, derribados, apertam-se e baralham-se numa refrega imobilizada. As estrelas, direitas, obliquas, deitadas, semelham inumeráveis soldados súbitamente petrificados, em plena batalha. Caminhamos sob os ciprestes. Galgamos as lages e os cipos. A erva está alta e eu tropeço às vezes contra um obstáculo invisível. Uma estela centenária, inclinada até tocar o solo com o seu turbante, apoia-se ao tronco de um terebinto. Lady Falkland senta-se nela e dá-me lugar a seu lado.

— Ai tem... Quis mostrar-lhe os nossos cemitérios turcos. Olhe, a Turquia que o senhor vê com o seu sultão absoluto e o seu Corão despótico, é o único país livre da terra. Os próprios mortos turcos não são encerrados, como os mortos cristãos: não os cercam de muros altos e de grossas grades. Dormem onde quiserem dormir; e não se carregam de cantarias os seus pobres ossos fatigados...

Eu não tinha dito uma palavra, desde que saíramos do pátio claustro da Selimié Djami. Mas este lugar pareceu-me favorável às palavras que se hesitam em proferir:

— Senhora... tenho que lhe agradecer...

— O quê?

— Há pouco, na páto da mesquita, falou-me como de certo não fala a qualquer. Sim, quando ajudou ao desgraçado acolhimento que a espera em casa. Comovem-me profundamente as provas de confiança que me dá, e... tem razão em me tratar como amigo.

Não cõra, não esboça um gesto, um meneio. Olha-me de frente com um olhar pensativo.

— É verdade; não sei porquê, mas mereço-me confiança...

Sorri, sem alegria.

— Oh! não vá julgar que lhe presto um grande favor, falando-lhe um pouco livremente das tristezas do meu lar. Essas tristezas há muito tempo que Constantinopla inteira as conhece com pormenores, e as comenta, as julga, e se diverte com elas. Até o senhor, recém-chegado, as não ignora, confesse?

Eu confesso, num gesto. E calo-me. Ao fim de um minuto, ela coloca a sua mão nas minhas.

— A diferença é que o senhor não comenta, não julga, não zomba. E é a mim que me compete dizer-lhe: — Obrigada.

Levanta-se. Damos alguns passos na fúnebre planície. De repente, ela pára e mostra-me um túmulo. Um túmulo de mulher; não há turbante esculpido sobre a estrela; um túmulo de há vinte anos, pelo menos; já desapareceu a pintura do mármore e o ouro da inscrição.

— Ai a tem... Não sabe ler as letras turcas? Também eu não; só os números. Mas é quanto é bastante para perceber o essencial de um epitáfio...

A mulher que aí dorme, morreu em 1297 da hegira; tinha vinte e dois anos... É o ano da morte de Azyadé, e é a idade que ela tinha, creio eu... Seguramente, este túmulo não é o de Azyadé. O verdadeiro túmulo ninguém sabe onde está — felizmente!... senão veria a Agência Cook conduzir para lá caravanas de excursionistas! — Mas aqui dorme outra Turca, que Azyadé porventura conheceu, e amou. Por isso eu, que tanta vez tenho chorado a sorte dolorosa da que morreu sem tornar a ver o seu amigo, trago aqui muitas vezes flores; são para as duas pobres sombras; e julgo que no reino onde agora estão, as repartem amigavelmente...

Não me dá vontade nenhuma de sorrir. Lady Falkland pegou nalgumas violetas que levava presas no colo do vestido e espalhou-as ao pé da estela.

— As mulheres entendem-se umas às outras mais facilmente do que se julga... Excepto...

Hesita, depois fita-me, de sobranceiras muito carregadas e o lábio arregaçado sobre os dentes que aparecem.

— Excepto quando há uma muito má, que quer, por orgulho e cupidez, roubar o filho de outra...

São mais de cinco horas, quando tornamos a passarp a porta de Andrinopla. Estão ali três arabs, três cabeças miseráveis e suspensas Deus sabe como. Lady Falkland trava com os «arabadjis» uma discussão complicada, em que se agitam, me parece, questões de tempo e distância. Chegam finalmente a acôrdo, e eis-nos lançados numa carreira doida sobre o solo áspero das vielas. A chapa de ferragem das rodas produz na calçada um ruído de martelo e bigorna. Atordoada, lady Falkland aperta os ouvidos com as mãos. Através da etamina das mangas, vê o desenho puro de dois braços infantis, frágeis.

Stambul é grande e parece não ter fim. Ou-



Dá às crianças uma saúde de ferro
É o alimento energético por excelência para
novos e velhos

À venda nas farmácias, drogarias, confeitarias,
mercearias e leitarias

Representantes exclusivos:

MANTUA, L.^{DA}

29, Calçada S. Francisco, 37 — LISBOA

tros bairros, outras ruas. Passamos por mercados, bazares; o araba, alternadamente, se precipita em longos caminhos silenciosos e solitários, ou diminui a velocidade no meio de uma praça ou de uma encruzilhada onde remoinha uma multidão de gente de turbante... De passagem, entrevêjo uma mesquita gigantesca, flanqueada de intermináveis minaretes...

A caleça pára, finalmente. Mas aqui não há nada a ver, ao que parece. Nem mesquita, nem túmulo monumental, nem ruasinha extraordinária. Apenas um edifício de madeira carunchosa e de pedras a cair... É isso?... É isso. Lady Falkland arrasta-me até ao pé desta ruína, que todavia não é bela nem grande. E apertando a minha mão na sua:

— Sabe um pouco de história turca? Solimão, antes de conhecer Roxelana, tinha uma esposa circassiana, chamada Hasseki, que lhe dera dois filhos, Mohamed e Dji-an-djir. Eram lindas crianças e bons príncipes. Mas Roxelana, por ódio a Hasseki, mandou-os matar, e a mãe morreu de desespero. Ai tem a razão porque, há pouco, eu o impedi de entrar no mausoléu de Roxelana, e o trago agora ao mausoléu de Hasseki. Faça uma oração... Bem! Agora, depressa, que é tarde!... Arabadji, Emin-Eunu! chirket-hairié!... Tchabouk, tchabouk!

XVI

25 de Setembro.

Singulares aventuras: passei a noite em Beicos; e esta manhã, eis que descubro, colocado sobre o parapeito do meu «sahnichir», um ramalhete de tuberosas. Quem o pôs lá? O «sahnichir» faz saliência sobre o Bósforo. Alguém que passou de caïque? Impossível: só estava aberta uma vidraça lateral. Estas flores — é a única explicação — não podem deixar de ter sido arremessadas do «sahnichir» visinho. Mas é o do velho iman de barbas brancas! Extraordinário, realmente!

(Continua)

PLISSADOS

ARTÍSTICOS E DE COMPLETA NOVIDADE
executam-se, com esmerada perfeição,
em todos os modelos parisienses
À Jour e caseados em roupas brancas

JOSÉ SILVA (Camiseiro)

173, Rua Arco do Bandeira, 6.º, E.
2.º quarteirão vindo do Rossio — LISBOA

PIANOS

AUTOPIANOS

ORGÃOS

GRAMOFONES

E DISCOS

As melhores marcas
Os melhores preços

SASSETTI & C.^A

54, 58, Rua do Carmo

— LISBOA —



Grafologia

N.º 277 — *Parisiense* — França — Credulidade e franqueza mais do que conveniente. Precipitação e tendências para uma afectividade que bem prejudicial poderá vir a ser.

N.º 278 — *Mon Fiancé* — Actividade mental, escrevendo mais do que lê. Desejo de aprovação, procurando colocar-se socialmente bem consigo próprio e em seguida com o próximo. Atitudes cautelosas, espírito por natureza simples mas naturalmente bondoso e com absoluta confiança e uma certa ambição, aliás bem justa e conveniente ao seu progresso pessoal.

N.º 279 — *N. Mendes de A.* — STM. — Confirmo o resultado da análise n.º 72, publicado no n.º 6 da *Voga* de 6 de Novembro último. Igualmente o resultado da análise n.º 229, que deverá ser publicado no *Magazine Bertrand* de Janeiro de 1928. Verifico que toda a sua personalidade parece tender para uma maior disciplina mental, ainda que as crises, sempre fustas, de entusiasmo, sobrevenham sempre, embora mais raras.

Feliz desiludida n.º 3 — Actividade, ponderação e energia. Simplicidade de pensamentos e atitudes, sabendo contudo valorizar-se numa exteriorização cuidada e cautelosa bem em harmonia com o meio e as conveniências. Intuição desenvolvida e imaginação disciplinada.

N.º 281 — *Feliz desiludida n.º 2* — Sequência de ideias, sabendo sempre impôr a sua personalidade com uma lógica a que não é estranha uma certa dissimulação. Intellectualidade relativa a vontade enérgica e activa.

N.º 282 — *Feliz desiludida n.º 1* — (Abandora) — Intellectualidade vibrante e activa, sabendo dissimular a precipitação resultante de uma vida talvez mais agitada do que os seus nervos permitem. Um grafismo digno de uma análise mais profunda, mas o espaço escasseia.

N.º 283 — *A que amou um ingrato* — Hesitação e simplicidade resultante de uma determinada falta de visão mental. Impressionabilidade irreprimível e prejudicial ao seu personalismo. Verbosidade desnecessária e afectividade exagerada. Agradeço penhoradamente a sua atenção.

N.º 284 — *Tea* — Compreensão da ordem e harmonia gerais. Exactidão nos seus pensamentos e atitudes. Bondade sincera e cuidada. Economia relativa e ponderação.

N.º 285 — *Huno* — Inteligência culta e imaginação fecunda. Vontade forte ainda que facilmente submetida por um exagêro de afectividade aliás característica de todo o seu ser atraente e «simétrico». Minúcia, observação e calma cautelosa.

N.º 286 — *Nandita* — Rigidês de opiniões e sequência de pensamentos materializados sempre lenta, mas decididamente. Método, calma, definindo uma vontade forte e um espírito dotado de excelentes qualidades. Bondade simples e ponderada, sabendo, todavia, dissimular as suas desilusões e entusiasmos.

N.º 287 — *Pobre Liana* — Habilidade natural, memória, espírito minucioso e bastante observador. Sensibilidade e reserva de pensamentos e opiniões.

N.º 288 — *Uma que só na morte encontrará lenitivo para os seus sofrimentos* — Confesso que não percebo bem porquê! Só se é devido ao seu génio, de ordinário, demasiado exaltado e de fácil entusiasmo, originando por isso bastos desapontamentos...

N.º 289 — *Se gostarem voltem cá* — ...Ele sempre há clientes com cada pseudónimo! O seu grafismo indica um temperamento bastante indisciplinado. Vontade cega e desobediente à razão e também uma grande tendência para ser... feroz.

N.º 290 — *Desilusão* — Desproporcionalidade de interpretações. Afectividade repentina e fácil. Uma parcela de precipitação e falta de decisão rígida e serena.

N.º 291 — *Ingratidão* — Dissimulação, procurando convencer mais com a sua exterioridade do que com factores reais.

Altivez dirigida principalmente no sentido de uma ambição pessoal bastante definida. Hábitos de sociedade, loquaz e fiel aos seus compromissos.

N.º 292 — *Madrilena* — Bondade natural, paixão e entusiasmo. Vontade fraca e de difícil exasperação. Sentimentalismo romântico e simplicidade de gestos e atitudes.

N.º 293 — *J. Azedo* — Sagres — Actividade mental procurando evoluir tanto quanto lhe é possível. Método, harmonia de pensamentos e espírito na generalidade cauteloso e concreto.

N.º 294 — *Lisboeta* — Simplicidade, candura, afeição sincera e concentração de pensamentos

e tenções. Falta de domínio pessoal resultante de um nervosismo por vezes difícil de reprimir.

N.º 295 — *Um espírito fraco* — Actividade de espírito. Vontade forte, egoísmo dissimulado e dispêndio ocasional. Bondade e intellectualidade.

N.º 296 — *Uma que adora a música* — Entusiasmo, exaltação precipitada e exagêro ocasional. Vontade forte mas de fácil sumissão, devido a um sentimentalismo exagerado. Equilíbrio geral, embora prejudicado por uma grande mobilidade de impressões.

N.º 297 — *Impressionável* — Rigidês de opiniões, altivez dissimulada e sequência de ideias. Excitação provocada por uma extrema impressionabilidade. O seu pseudónimo concorda absolutamente com as suas principais características.

N.º 298 — *Oriente* — Afectividade, sinceridade e paixão. Simplicidade e candura. Sentimentalidade aliada a uma parcela de susceptibilidade. Desejo de aprovação. Polidez, clareza e ordem de ideias.

N.º 299 — *A 120 à hora* — Dificuldade em reconhecer os seus próprios defeitos, que aliás

são bem mais infantis do que perdidos... Dificuldade de expressão. Nervosismo resultante de uma natureza por vezes pusilânime mas sempre incapaz de uma atitude menos digna.

N.º 300 — *Flôr exótica* — Actividade por vezes precipitada. Uma boa interpretação geral da harmonia sempre necessitaria a uma existência livre de cuidados e ponderada. Um certo egoísmo muito pessoal e inofensivo. Imaginação e alegria natural.

N.º 301 — *Desportista* — Actividade física, vigor, bondade simples e natural. Com uma exterioridade «feroz» é simplesmente um pacífico dotado de um temperamento tal que por vezes dir-se-ia demasiado doce e condescendente.

N.º 302 — *Madrilena* — Naturalidade de expressões, vontade forte e... orgulhosa da sua situação. Lógica ponderada, sabendo encaminhar a sua vida de maneira a manter a sua personalidade intangível. Inteligência activa e ponderação aliada a um espírito minucioso.

N.º 303 — *Cabeça de Pinhão* — Uma certa pretensão adquirida mais pelo meio e convivência do que resultante de um defeito pessoal. Uma determinada lentidão de realizações traduzindo-se numa calma aliás simpática e que lhe per-

mite assimilar vagarosa mas definitivamente todas as impressões registadas pelos seus sentidos bastante susceptíveis e impressionáveis.

Para uma descrição mais desenvolvida e minuciosa dos seus característicos grafológicos podem todas as ex.^{mas} consulentes da *Voga*, reendereçarem estas mesmas consultas para o *Magazine Bertrand* mediante as condições indicadas na secção grafológica dessa revista mensal (250 por cada consulta) e a indicação do número e pseudónimo sob que foi dada a resposta na *Voga*.

O verdadeiro nome ou a morada da cliente só é necessário caso se deseje a devolução do documento enviado para análise junto a um envelope devidamente estampilhado.

Todas as consultas dirigidas à *Voga*, deverão ser acompanhadas da importância de um escudo e endereçadas a

MADAME DE MEMPHIS

GRAFOLOGIA — «VOGA»

Rua Anchieta

Lisboa

Só serão enviados pelo correio os resultados das consultas endereçadas ao *Magazine Bertrand* nas condições indicadas na secção grafológica dessa revista. MADAME DE MEMPHIS.

O seu Fogão de Pressão fará o serviço de 3 fogões—sem que por isso gaste mais petróleo—desde que lhe adapte uma **TREMPE VACUUM** que sómente custa

24 ESCUDOS

Peça hoje mesmo o nosso impresso illustrado que lhe será enviado na volta do correio.

Vacuum Oil Company
Rocio, 67 Tel. C. 3075 e nas suas Agencias

Trempe VACUUM

PETRÓLEO SUNFLOWER

O L A R DOS ARTISTAS

aplicar com justiça a velha concepção de que um artista é sempre um boémio e um desgraçado. Isto é quasi sempre falso no que se refere a artistas de cinema, e particularmente ao caso de Conrad Nagel, um moderno Apolo, vendendo saúde física e moral, num *home exemplarissimo*.

Jacques de Baroncelli, o grande realizador de «Fogo!» e outros soberbos filmes, vai realizar ainda mais outra obra de ambiente marítimo, intitulada «Passageiros», e que terá como intérpretes Charles Vanel e Michèle Verly.

O «Pão de ló» (título português do *vaudeville* «Tir au flanc»), vai ver a luz do écran numa adaptação patrocinada pelas Edições Pierre Braunberger.

O nosso conhecido Georges Pallu, que foi encenador da *Invicta* do Porto, vai realizar um grande drama católico «A irmãinha dos pobres», com Denyse Lorys.

DA MOS hoje, nesta página, algumas fotos curiosas da intimidade dum dos mais simpáticos artistas do cinema americano, Conrad Nagel, já bem conhecido e apreciado entre nós, mas muito mais conhecido e apreciado em outros países de maior tomo na exploração cinematográfica. O sorriso franco de Conrad Nagel, o seu irresistível encanto mundano, a expressividade dos seus olhos claros, são outros tantos factores de êxito a juntar à sua elegância e ao seu talento, que é enorme.

Conrad Nagel é hoje disputadíssimo pelas empresas mais poderosas como um elemento quasi indispensável, sobretudo na comédia moderna, estando, neste momento, ligado à «Metro», uma das casas que tem um «elenco» mais completo. Por este facto, Conrad Nagel tem uma fortuna que lhe permite uma vida farta, e reside em Hollywood porque, pelos seus muitos trabalhos para o «écran», necessita estar permanentemente na capital do cinema.

Como todos os grandes artistas da cinografia, Nagel faz uma intensa vida de «*ar livre*», aproveitando os seus deliciosos jardins, duma beleza e dum pitoresco só comparáveis à beleza e à curiosa linha arquitectónica da sua casa, um modelo do género *confortável*. Conrad Nagel faz uma vida regradíssima, dedicando-se à jardinagem com afinco e também a desportos vários, dos quais o preferido é o «hockey», e educa o seu filhinho no mesmo caminho de força e beleza, no mesmo ardente culto da saúde e da formosura física e mental. Como se vê, nem sempre se pode

